

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

**A RECONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE
SOCIOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO
ESTADUAL OLGA BENÁRIO PRESTES**

TAIS DO NASCIMENTO SANTANA

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Anita Handfas

RIO DE JANEIRO
03/2018.

TAIS DO NASCIMENTO SANTANA

**A RECONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE
SOCIOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO
ESTADUAL OLGA BENÁRIO PRESTES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Anita Handfas

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Anita Handfas – Orientadora (PPGE/UFRJ)

Prof^ª Dr^ª Maria Margarida Gomes (PPGE/UFRJ)

Prof^ª Dr^ª Nalayne Mendonça Pinto (PPGCS/UFRRJ)

**RIO DE JANEIRO
03/2018.**

CIP - Catalogação na Publicação

dr do Nascimento Santana, Tais A
RECONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE
SOCIOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL
OLGA BENÁRIO PRESTES / Tais do Nascimento Santana.
- Rio de Janeiro, 2018.
111 f.

Orientador: Anita Handfas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, 2018.

1. Livros didáticos de Sociologia. 2. Ensino de
Sociologia. 3. Prática Pedagógica. 4.
Recontextualização. I. Handfas, Anita , orient. II.
Titulo.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação **"A RECONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA:
UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL OLGA BENÁRIO PRESTES"**

Mestrando(a): **Tais do Nascimento Santana**

Orientado(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Anita Handfas**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 23 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a). Anita Handfas- Presidente

Prof(a). Dr(a). Maria Margarida Pereira de Lima Gomes

Prof(a). Dr(a). Nalayne Mendonça Pinto

Para meus pais, Luiz e Dora.

AGRADECIMENTOS

Terminar esta dissertação é motivo de muita alegria, mas sem a ajuda e apoio de algumas pessoas este trabalho não seria possível. Sendo assim, agradeço, primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui.

Agradeço em especial aos meus pais, Luiz e Dora, meu esposo Alexandre, meu irmão Luiz Carlos e a minha dinda Therezinha que sempre de perto me auxiliaram e me ajudaram a chegar ao mestrado e a concluir esta fase. O meu muito obrigada a minha querida orientadora Anita Handfas, que desde as aulas da prática de ensino, na iniciação científica e depois no mestrado sempre me orientou com muito comprometimento, seriedade e responsabilidade, características estas que inspiram minha prática docente.

Agradeço à equipe de professores e funcionários do Colégio Passaredo, pois foi nesta escola que vivi os primeiros anos da minha vida, escola que estudei da pré-escola até o terceiro ano do Ensino Médio.

Agradeço ao grupo OLÉ (Observatório da Laicidade na Educação), primeiro grupo de pesquisa que participei na UFRJ e onde passei a gostar e a querer seguir na jornada acadêmica. Nesse grupo, agradeço em especial a duas pessoas, à Luciane, minha querida e eterna professora, que desde o segundo período da graduação (2011.2) sempre me estimulou a seguir na carreira acadêmica e na docência. Agradeço também ao professor Luiz Antônio Cunha, quem me apresentou o universo da pesquisa.

Agradeço muitíssimo a todos os colegas do LabES (Laboratório de ensino de Sociologia Florestan Fernandes), aos que já passaram pelo grupo, desde 2013, quando entrei ainda na graduação e aqueles que ainda estão. Todos vocês foram e são muito importantes para mim, não só por conta da pesquisa do mestrado, mas por me ajudarem a ser uma pessoa e uma professora melhor. Obrigada, labesianos!

Agradeço aos colegas Fábio Desterro, Rachel Romano e Izabella Carvalho pelo grupo de estudos sobre Basil Bernstein, pois as nossas leituras e discussões foram essenciais para a escrita desta dissertação. A Izabella agradeço também pela ajuda e apoio nos encontros do grupo focal.

Sou grata também, à equipe de funcionários e professores do Colégio Estadual Olga Benário Prestes que contribuíram para com a realização desta pesquisa, em especial

aos três professores de sociologia do colégio que me receberam com muito afeto e disponibilidade. Obrigada, colegas!

Agora, em especial, gostaria de agradecer as amigadas que ganhei na UFRJ. Obrigada pelo apoio e amizade, Aristotelina, Beatriz, Bruna, Gabrielle e Vanice. A ajuda, torcida, apoio e carinho de vocês, foi essencial. Obrigada, meninas superpoderosas!

Agradeço às professoras Margarida Gomes e Ana Prado que participaram da banca de qualificação e trouxeram grandes contribuições para com esta pesquisa.

Por fim, agradeço a Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela oportunidade de realizar esta pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação e a Solange Rosa pela presteza e auxílio de sempre.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo investigar e compreender os usos do livro didático feitos pelo professor de sociologia em sua prática pedagógica e dessa maneira, buscou alcançar os seguintes objetivos: (1) identificar a relação entre o uso do livro didático de sociologia pelo professor e o campo oficial de recontextualização e (2) verificar em que medida a escolha do livro didático de sociologia está relacionada com o currículo, a pedagogia e as formas de avaliação propostas pelo campo oficial de recontextualização. Ou seja, identificar o enquadramento e classificação entre o uso do livro didático e as três dimensões que constituem o processo educacional. Desse modo, para a análise do uso do livro didático de sociologia, a pesquisa teve como principal referencial teórico o sociólogo inglês Basil Bernstein, pois buscamos compreender a relação que pode se dar entre o campo oficial de recontextualização e o campo de recontextualização pedagógico, através da utilização do livro didático, pelos professores. Nesse sentido, levantamos a hipótese de que o modo de utilização do livro didático passa por um processo de recontextualização já que o professor irá adaptar e dar diferentes significados ao livro didático de acordo com a sua realidade, com suas práticas e experiências. Para cumprir os objetivos elencados foi realizado um estudo de caso no, Colégio Estadual Olga Benário Prestes (Bonsucesso, Rio de Janeiro.) onde por meio de encontros do grupo focal e observações de campo investigamos na prática e no cotidiano escolar como os professores utilizam o livro didático. Com base na análise dos dados obtidos por meio dos encontros do grupo focal e das observações que realizamos na escola, percebemos que o livro didático ao ser recontextualizado pelos professores assume as seguintes funções: (1) instrumento para formação do professor e fonte para aprender e relembrar teorias e conceitos, (2) “guia”/“bússola” para definição do que será trabalhado nas temáticas das ciências sociais e para a preparação das aulas, (3) comprovação de que a sociologia é uma ciência e não senso comum e (4) utilização e as vezes fuga do livro didático por conta da linguagem que em alguns momentos é entendida como difícil e distante dos alunos e em outros momentos como um discurso que se aproxima dos alunos por conta das imagens.

Palavras-Chaves: Livros didáticos de Sociologia, Ensino de Sociologia, Prática Pedagógica e Recontextualização.

ABSTRACT

This dissertation aimed to investigate and understand the uses of the didactic book made by the professor of sociology in its pedagogical practice and in this way, sought to achieve the following objectives: (1) to identify the relationship between the use of the didactic book of sociology by the teacher and the an official field of recontextualization and (2) to verify to what extent the choice of the didactic book of sociology is related to the curriculum, the pedagogy and the forms of evaluation proposed by the official recontextualization field. That is, to identify the framework and classification between the use of the textbook and the three dimensions that constitute the educational process. Thus, for the analysis of the use of the didactic book of sociology, the research had as its main theoretical reference the English sociologist Basil Bernstein, because we sought to understand the relationship that can take place between the official field of recontextualization and the field of pedagogical recontextualization, through of the use of the textbook, by the teachers. In this sense, we hypothesize that the use of the textbook is a process of recontextualization since the teacher will adapt and give different meaning to the textbook according to its reality, its practices and experiences. To fulfill the listed goals was conducted a case study in, State College Olga Benário Prestes (Bonsucesso, Rio de Janeiro.) Where through meetings of focus groups and field observations investigated in practice and in everyday school life as teachers use the textbook. Based on the analysis of data obtained through the meetings of the focus group and the observations we make in school, we realized that the textbook to be recontextualised teachers assume the following functions: (1) tool for teacher training and a source for learning and remember theories and concepts, (2) "guide" / "compass" for the definition of what will be worked on themes of social sciences and the preparation of lessons, (3) proof that sociology is a science and not common sense and (4) use and sometimes flight of the textbook because of the language that at times is understood as difficult and distant of the students and at other times as a speech that approaches the students because of the images.

Keywords: Sociology textbooks, Sociology teaching, Pedagogical practice and Recontextualization.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDAE	Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EJA	Educação de jovens e adultos
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GRE	Gerência Regional de Ensino
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LabES	Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes
MEC	Ministério da Educação
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional
PROEMI	Programa Ensino Médio Inovador
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica

SEEDUC Secretaria de Estado de Educação

SESC Serviço Social do Comércio

UERJ Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFPR Universidade Federal do Paraná

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNISUAM Centro Universitário Augusto Motta

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	Questionário sobre uso do livro didático de sociologia	P. 85
Apêndice B	Resumo das 37 respostas ao questionário “Sobre uso do livro didático de sociologia”	P. 86
Apêndice C	Questionário sobre formação acadêmica e atuação profissional	P. 88
Apêndice D	Roteiro grupo focal I	P. 90
Apêndice E	Roteiro grupo focal II	P. 97
Apêndice F	Declarações entregues na Metropolitana III	P. 100

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1	Entrada do Colégio Estadual Olga Benário Prestes	P. 39
Foto 2	Alunos do 2º ano do Ensino Médio realizando atividade da aula de Sociologia na biblioteca	P. 40
Foto 3	Biblioteca do Colégio Estadual Olga Benário Prestes	P. 41
Foto 4	Piscina Poliesportiva coberta do Colégio Estadual Olga Benário Prestes	P. 41
Foto 5	Oficina “Vamos conversar?” realizada pelo Projeto Juventudes da UFRJ	P. 43
Foto 6	Entrada da sala de idiomas	P. 70
Foto 7	Sala de idiomas organizada para a realização do segundo encontro do grupo focal	P. 70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Matriz Curricular	P. 44
Quadro 2	Conteúdo exposto no quadro na aula do dia 20 de junho de 2017	P. 45
Quadro 3	Unidades e capítulos do livro Sociologia Hoje	P. 48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Livros recomendados pelo PNLD	P. 36
Tabela 2	Formação dos professores	P. 54

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde (...) Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – LIVROS DIDÁTICOS E SEUS USOS	24
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE ESTUDO	33
2.1. A relação entre a teoria e a prática no contexto da pesquisa.	33
2.2. Percurso metodológico	49
CAPÍTULO 3 – OS USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
APÊNDICES	84
Apêndice A – Questionário sobre uso do livro didático de sociologia.....	85
Apêndice B – Resumo das 37 respostas ao questionário “Sobre uso do livro didático de sociologia”	86
Apêndice C – Questionário sobre formação acadêmica e atuação profissional..	88
Apêndice D – Roteiro grupo focal I.....	90
Apêndice E – Roteiro grupo focal II.....	97
Apêndice F – Declarações entregues na Metropolitana III.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema o ensino de sociologia na educação básica e como objeto de estudo o livro didático de sociologia. A trajetória do ensino de sociologia na educação básica se caracteriza pela intermitência e por idas e vindas ao currículo escolar. Mas, neste trabalho delimitamos a trajetória do ensino de sociologia no Brasil em seis períodos, a saber: Período de Investigação Social, de Institucionalização acadêmica, Científico, de Ausência do Currículo, de Retorno gradativo da Sociologia à escola básica e de Obrigatoriedade do ensino de Sociologia na Educação Básica.

O período que chamamos de Investigação Social que vai de 1891 até 1925, para alguns autores do campo, como por exemplo, Sergio Micelli (2015), é classificado como pré-científico porque a investigação e a interpretação da realidade social estavam sendo praticadas por professores, advogados, literários e autodidatas, por isso, sendo chamado por nós de investigação social e a sociologia neste momento não estava sendo ensinada nas escolas. No segundo período que nomeamos de Institucionalização Acadêmica (1925-1942) a sociologia é inserida no currículo escolar e se institucionaliza como conhecimento presente no currículo da educação básica (através das reformas educacionais: Rocha Vaz, 1925, e Francisco Campos, 1932.) antes mesmo da institucionalização das Ciências Sociais e da sociologia no ensino acadêmico. Mas, por conta da institucionalização das Ciências Sociais como disciplina escolar há a publicação de diversos manuais didáticos para o ensino de sociologia, sendo caracterizado por Meucci (2000) como um momento de intensa produção de manuais didáticos na história da educação no Brasil.

No terceiro período que chamamos de Científico (1942-1964) a sociologia, enquanto disciplina escolar, fica ausente do currículo escolar, estando presente sob a nomenclatura de sociologia da educação apenas nas escolas de ensino normal, por conta da reforma educacional de Gustavo Capanema (1942). No entanto, ainda que ausente da escola básica, ainda assim consolida-se enquanto ciência e é quando há o primeiro Congresso Nacional de Sociologia, a criação e organização de centros e apoio ao financiamento de pesquisas, como por exemplo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Criação do Instituto de Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR, fundação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Patrocínio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) à pesquisas sobre as relações raciais no Brasil.

O quarto período por nós identificado e aqui chamado de Ausência do currículo vai de 1964 até 1981. Nesse período a sociologia continua fora do currículo da escola básica, nesse momento tivemos também a institucionalização da pós-graduação no Brasil, mas ainda assim a produção sociológica sofreu um abalo em decorrência dos atos repressivos do golpe civil militar de 1964.

Já o quinto período chamado de Retorno gradativo da Sociologia à escola básica que vai de 1981 até 2007 caracteriza pela inserção da sociologia no currículo escolar da educação de alguns estados da federação tais como: São Paulo (1984), Distrito Federal (1986), Pará (1986), Acre (1988), Rio de Janeiro (1989), Pernambuco (1989), Minas Gerais (1989), Rio Grande do Sul (1989), Maranhão (1989), Amapá (1994), Tocantins (1996).

Com isso, o sexto e último período que identificamos tem início em 2008 e se estende até os dias atuais. Essa fase nomeamos de Obrigatoriedade do Ensino de Sociologia na Educação Básica se caracteriza pelo retorno da disciplina ao currículo escolar por conta da lei 11/684 de junho de 2008 que incluiu a sociologia e a filosofia como disciplinas obrigatórias das três séries do ensino médio em todo território nacional. Apresentada a periodização, vale pontuar que a divisão estabelecida não tem a pretensão de criar mais uma periodização para se contrapor às já existentes, até por não ser este objetivo principal desta dissertação, mas para critérios de estudo, vale apresentarmos tal divisão para a trajetória da sociologia na educação básica. Tal periodização foi desenvolvida durante minha atuação no Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LabES) como bolsista de iniciação científica FAPERJ, de 2013 a 2015, na pesquisa “As Ciências Sociais no Brasil e a constituição da Sociologia como disciplina escolar” sob a orientação da professora Anita Handfas.

Em decorrência da lei 11.684, em 2012 tivemos a inserção da sociologia pela primeira vez no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) o que representa a circulação do conhecimento científico das Ciências Sociais entre os estudantes do ensino médio em larga escala, já que o programa consiste na avaliação, compra e distribuição gratuita de livros didáticos para todas as escolas públicas nacionais que participem do programa.

Por consequência da significativa quantidade de livros didáticos de sociologia circulando entre os estudantes e professores da escola básica de todo território nacional

motivados principalmente pelo PNLD 2012 e 2015, o campo de estudos sobre ensino de sociologia necessita de trabalhos que analisem como o livro didático tem sido utilizado pelo professor ao chegar à escola. Nesse sentido, DESTERRO (2016) afirma:

“É fato que, no que diz respeito ao ensino de Sociologia na Educação Básica, as pesquisas precisam se expandir a ponto de incluir as discussões sobre o modo como os livros didáticos são apropriados de diferentes maneiras por professores e alunos”. (DESTERRO, pág. 15 2016)

Neste estudo, considera-se que o livro didático além de um instrumento pedagógico é também, um objeto cultural com potencial para a investigação de valores, ideologias e pedagogias. Nesse sentido, parte-se da concepção que o livro didático não é neutro, mas sim, resultado de disputas curriculares, mercadológicas, sociais, ideológicas e de classe.

Dessa forma, ao considerarmos o livro didático como resultado de pressões econômicas e ideológicas, definidor da cultura legítima a ser transmitida através da educação escolar (APPLE, 1995), nosso trabalho consistiu em investigar como o professor de sociologia usa o livro didático de sua disciplina

Sendo assim, para a análise do uso do livro didático levamos em consideração o currículo escolar, a pedagogia, ou seja, a forma de realização do currículo e as avaliações, para que seja possível compreender e explicar como o livro didático é utilizado no ambiente escolar, pelos professores de sociologia, atuando como um meio de recontextualização pedagógica do conhecimento produzido pelas Ciências Sociais. O conceito de recontextualização, formulado por Basil Bernstein, diz respeito ao processo pelo qual um determinado conhecimento ou discurso ao sair de seu contexto de origem, se apropria de outros discursos, ideias e práticas e é reorganizado de acordo com um novo contexto.

Dito isto, nesta pesquisa buscamos responder o seguinte questionamento: Como o professor de sociologia utiliza o livro didático de sociologia? Nessa direção, vale destacar que estamos entendendo como uso do livro didático de sociologia não só os usos que os professores fazem com os alunos em sala de aula, mas também os usos que fazem anteriores à sala de aula, como, por exemplo, para estudo, formação e preparação de aula e/ou para elaborações de atividades e avaliações.

Desse modo, a pesquisa teve como objetivo investigar e compreender os usos feitos pelo professor do livro didático de sociologia, e dessa maneira, buscou alcançar

os seguintes objetivos: (1) Identificar a relação entre o uso do livro didático de sociologia pelo professor e o campo oficial de recontextualização e (2) Verificar em que medida a escolha do livro didático de sociologia está relacionada com o currículo, a pedagogia e as formas de avaliação propostas pelo campo oficial de recontextualização. Ou seja, identificar o enquadramento e classificação entre o uso do livro didático e as três dimensões que constituem o processo educacional.

Percebemos no campo de estudos sobre ensino de sociologia a necessidade de se analisar como o livro didático tem sido utilizado pelo professor ao chegar à escola. Isto, pois identificamos a partir de um levantamento bibliográfico sobre o ensino de sociologia na educação básica que as pesquisas sobre livro didático de sociologia estão caminhando em três direções principais: (1) Análise teórica e conceitual, (2) Transposição didática e (3) Processo de escolha e utilização do livro didático de sociologia.

Um exame dessa produção nos permitiu constatar que os trabalhos sobre livro didático de sociologia realizam, em sua maior parte, a análise de determinados conceitos e temáticas apresentados nos livros, sendo ainda poucos os trabalhos voltados às suas implicações práticas em sala de aula, quer por meio de análises do processo de escolha dos livros ou dos usos deste recurso didático por professores e alunos. Segundo Gatti (2015) entender as metodologias e usos dos livros escolares na sala de aula é uma das temáticas mais polêmicas da manualística.

Dessa maneira, esta dissertação poderá contribuir com campo de estudos sobre ensino de sociologia, que apesar de estar em constante crescimento, como observaram HANDFAS e MAÇAIRA (2014) ainda tem esta lacuna a ser preenchida, além de subsidiar e instigar novos estudos relacionados ao livro didático, tendo em vista que “o manual é antes de mais nada um instrumento – em suma complexo -, e que a análise de seus conteúdos é indissociável de seus usos, reais ou supostos,” (CHOPPIN, 2002, p.8).

Desse modo, para a análise do uso do livro didático de sociologia, a pesquisa teve como principal referencial teórico o sociólogo inglês Basil Bernstein (1924-2000), pois buscamos compreender a relação que pode se dar entre o campo oficial de recontextualização e o campo de recontextualização pedagógico, através da utilização do livro didático, pelos professores.

Nesse sentido, como colocamos no título, partimos do pressuposto e levantamos a hipótese que o modo de utilização do livro didático passa por um processo de recontextualização já que o professor irá adaptar e dar diferentes significados ao livro didático de acordo com a sua realidade, com suas práticas e experiências. Isso se dá, pois quando o professor toma posse do livro didático usará ao seu modo, modificando, reorganizando e realocando os conteúdos e o próprio livro de acordo com o contexto de seu trabalho.

A escolha por Bernstein se justifica, pois, esse autor procurou entender as práticas e constituição dos discursos, em articulação com os contextos sociais mais amplos, da mesma forma em que neste estudo, analisamos o uso do livro didático de sociologia em articulação com o contexto social, que neste caso, é o educacional, que por sua vez, engloba as políticas curriculares voltadas para educação, como por exemplo, o currículo mínimo, os exames de avaliação externa, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as provas de vestibular, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e ainda as condições materiais da escola.

Nessa direção, para alcançarmos os nossos objetivos foi realizado um trabalho de campo onde foi possível observarmos na prática e no cotidiano escolar como os professores utilizam o livro didático. Além da observação, fizemos também, dois encontros de grupo focal com os professores pesquisados, além da aplicação de um questionário estruturado para mapearmos o perfil acadêmico e profissional dos docentes que participaram deste estudo.

A presente pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Olga Benário Prestes. Escolhemos essa escola depois de mapearmos, através de questionários autoaplicados enviado para 180 professores, com o intuito de identificarmos quais escolas da rede pública estadual do Rio de Janeiro tinham professores de sociologia que utilizam o livro didático cotidianamente.

Sendo assim, além da introdução e considerações finais, a dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1 – *Livros didáticos de sociologia e seus usos* - apresenta o panorama geral das pesquisas sobre livros didáticos, especificamente, do livro didático de sociologia apresentado ao leitor como este recurso didático vem sendo utilizado no decorrer do processo de escolarização do Brasil.

O capítulo 2 – *Contextualizando o objeto de pesquisa* – expõe o contexto de realização desta investigação e os critérios teóricos e metodológicos desta pesquisa. Além disso, também aborda como foram coletados os dados a respeito dos usos do livro didático pelo professor, além de apresentar o objeto, o espaço e os sujeitos que fizeram parte deste estudo analisados a luz da teoria de Basil Bernstein.

O capítulo 3 – *Os usos do livro didático de sociologia* – por fim, apresenta os usos que os professores de sociologia fazem do livro didático. Com isso, o capítulo apresenta e analisa os dados obtidos através da realização de dois encontros do grupo focal, aplicação de questionário e algumas observações de campo realizadas no Colégio Estadual Olga Benário Prestes.

Esperamos com a pesquisa aqui desenvolvida auxiliar na reflexão acerca das contribuições e implicações do livro didático, no processo de escolarização, dado que é o livro didático que legitima os conhecimentos a serem ensinados na escola, além de funcionar também, como um currículo nacional.

CAPÍTULO 1

LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA E SEUS USOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o panorama geral dos estudos que tem o livro didático como objeto de estudo e demonstrar como ele vem sendo utilizado no percurso da história da educação no Brasil, mas em particular, o livro didático de sociologia.

De acordo com CORRÊA (2000) a utilização do livro didático é um assunto que deve ser alvo de atenção e discutido pelos historiados da educação, pois o livro escolar ao lado de outras fontes, como por exemplo, as orais, escritas e iconográficas revelam valores e características de uma sociedade em um dado momento histórico. Com isso, entendemos que os livros escolares são fontes preciosas para historiografia da educação uma vez que podem revelar, segundo Corrêa “projetos de construção e de formação social”, por entender que este recurso assim como a educação formal são resultados de um contexto específico servindo também para legitimar, muita das vezes, os ideais das classes dominantes.

Segundo MUNAKATA (2012), a relação entre escola e livro didático é simbiótica, pois a expansão da escolarização ampliou a “clientela” dos livros didáticos e estes por sua vez, contribuem para com a escolarização da sociedade. Ademais, o livro didático pode assumir na prática do professor um papel de protagonista, quando é muito utilizado seja em sala de aula ou não, ou ter um papel secundário, quando é pouco ou nada utilizado.

Mas, ainda que seja mais ou menos utilizado pelos professores o livro didático não deixa de ser um objeto complexo devido às inúmeras funções que assume, tais como: currículo, mercadoria, política pública, objeto cultural e testemunho de uma época.

No entanto, apesar de ser uma fonte importante o livro escolar não despertou muito o interesse da historiografia da educação e isso pode estar relacionado à própria natureza do livro didático que constituísse como uma mercadoria perecível destinada à uma serie escolar determinada e que ao cumprir seu objetivo acaba sendo deixado de lado ou descartado.

Apesar de ilustre, o livro didático é o primo pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação. Sua história é das mais esquecidas e minimizadas, talvez porque os livros didáticos não são

conservados, suplantado seu “prazo de validade. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, apud CORRÊA, pág. 12, 2000.).

Indo nessa direção, o autor afirma também:

Os livros escolares, de modo geral, configuram um objeto em circulação – como bem frisa Chartier (1990) – e, por essa razão, são veículos de circulação de ideias que traduzem valores, como já dissemos, e comportamentos que se desejou fossem ensinados. Some-se a isso o fato de que a relação entre livro escolar e escolarização permitem pensar na possibilidade de uma aproximação maior do ponto de vista histórico acerca da circulação de ideias sobre o que a escola deveria transmitir/ensinar e, ao mesmo tempo, saber qual concepção educativa estaria permeando a proposta de formação dos sujeitos escolares. Nesse sentido, então, esse tipo de fonte pode servir como um indicador de projeto de formação social desencadeado pela escola. Isso é permitido por meio das interrogações que podem ser feitas, quer em termos do conteúdo, quer de discurso, sem deixar de levar em consideração aspectos referentes a temporalidade e espaço. (CORRÊA, pág. 13. 2000).

Dessa maneira, justamente por não olharmos para o livro didático como algo ingênuo ou deslocado da sociedade, mas sim como um veículo portador de valores, ideais e concepções teóricas, investigamos como os professores, nesse caso de sociologia, se apropriam dos livros didáticos. Além disso, devemos considerar que o livro escolar em seu aspecto de material didático funciona como uma recontextualização não só de uma dada sociedade, mas também, como recontextualizador das políticas curriculares oficiais, pois:

O currículo escolar é também uma seleção de saberes acadêmicos, porém, esses, não chegam de forma direta ao aluno, e é aí que entra o papel da didatização que se materializa no livro didático. (SILVA e GALDINO, pág. 4. 2015.).

Além de funcionar também, como uma recontextualização e/ou tradução de determinados conhecimentos acadêmicos para o público escolar, percebemos ao longo da história da educação no Brasil que o livro didático é um importante instrumento de apoio para os professores e alunos. Isto, pois o livro didático pode atuar como um incentivador para formação docente, ferramenta para promoção do pensamento crítico e reflexivo e, no caso da sociologia, o livro didático pode acabar contribuindo para com a legitimação, efetivação e divulgação do conhecimento sociológico entre os alunos da educação básica em nível nacional.

Em relação ainda a importância do livro didático, no processo de escolarização, FONSECA (2013) afirma que:

O livro didático é considerado o principal recurso pedagógico em várias pesquisas. Mohr (1995), por exemplo, destaca que 78% dos professores entrevistados seguem exclusivamente o livro didático. A autora também diz que se deve considerar a falta de alternativas ao livro didático, uma vez que são raras as escolas que possuem uma biblioteca adequada, bem como são escassas as publicações científicas dirigidas ao público em idade escolar. (FONSECA, pág. 4. 2013).

Mas ainda assim, por mais que seja um recurso de fundamental importância para história da educação do Brasil ou de outros países, seja por conta de sua característica peculiar de ser um objeto destinado ao público em idade escolar, objeto cultural e ainda mercadoria, o pesquisador francês Alain Choppin, ao realizar pesquisa sobre o estado da arte de pesquisas sobre livros didáticos (2004), afirmou que durante muito tempo o livro escolar foi negligenciado pelos pesquisadores.

Segundo Choppin, este desinteresse pode estar relacionado com o próprio status do manual didático uma vez que eram vistos como mercadorias perecíveis e considerados apenas como um objeto de consumo pedagógico, não despertando o interesse de pesquisadores e estudiosos da educação. Isto por ser visto como um objeto perecível feito para ser usado em certa série ou grau de ensino, que é descartado à medida que cumpre sua finalidade.

Além disso, outro aspecto relacionado ao pouco interesse no estudo dos manuais didáticos destacados por Choppin tem a ver com a manutenção e conservação deste instrumento, pois segundo esse autor:

O pouco interesse demonstrado, até estes últimos vinte anos, pelos manuais antigos e pela sua história decorre não somente das dificuldades de acesso às coleções, mas também de sua incompletude e sua dispersão. Ou talvez, ao contrário, devido a grande quantidade de sua produção, a conservação dos manuais não foi corretamente assegurada. (CHOPPIN, 2002, p.8)

No entanto, nos últimos anos, Choppin identifica um crescimento na literatura educacional, de estudos que investigam os livros didáticos. Em relação a isso, o autor afirma:

É no decorrer dos anos 1970, que os historiadores começam a manifestar um real interesse pelo livro e pelas edições escolares. O fim da década testemunha essa tomada de consciência com a publicação, quase concomitante de contribuições que sublinham a importância que revestiu o manual como fonte para a história da educação, em diferentes países. (CHOPPIN, 2002, p.11)

O crescimento de estudos sobre os manuais didáticos, em diferentes países, decorre dos seguintes fatores: (1) Criação de associações nacionais e internacionais com publicações periódicas sobre história da educação e história dos livros e das edições didáticas, (2) Publicação de estudos sobre história da educação contemporânea: *L'histoire de l'édition française* e *L'Édition française depuis* que serviu de referência para estudos em diversos países e (3) Progresso e desenvolvimento das tecnologias da informação, a partir dos anos de 1980.

Nesse sentido, concebendo, pois, os manuais como uma fonte privilegiada para os historiadores da educação “seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem, às ciências...” (CHOPPIN, 2002, p.13), o autor identifica no texto *História dos livros e das edições didáticas*, publicado no ano de 2004, duas categorias relacionadas ao estudo sobre livros didáticos, são elas:

- Primeira categoria: pesquisas que concebem o livro didático como um documento e analisam os seus conteúdos.
- Segunda categoria: pesquisas que tomam o livro didático como um objeto físico que foi fabricado, comercializado e distribuído e os analisam em um determinado contexto.

Sendo assim, a pesquisa por nós desenvolvida está relacionada à segunda categoria identificada por Choppin. Isto se dá, pois, analisamos o livro didático de sociologia em um contexto específico, neste caso, a sala de aula e a escola, após os didáticos serem distribuídos aos alunos e professores, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A respeito da relação entre livro didático e o contexto da sala de aula, Michael Apple (1995) afirma que é na sala de aula, através do livro didático, que o conhecimento “legítimo” se materializa e se corporifica, o que reforça a relevância desta pesquisa.

Ainda nessa direção, se dividirmos os trabalhos sobre livros didáticos de sociologia, tal como feito por Choppin, será possível identificarmos um conjunto de trabalhos que se preocupam em entender e identificar como conceitos e teorias das Ciências Sociais são abordados pelos livros didáticos e como se dá a mediação didática.

Esses trabalhos¹ apesar de terem maior relevância para o campo de ensino de sociologia não se constituíram em material de análise, nesse momento, já que estamos interessados em compreender como o recurso livro didático é manuseado, utilizado e recontextualizado pelo professor.

Outro grupo de trabalhos que identificamos no decorrer do levantamento bibliográfico compõe-se por trabalhos que investigam processos de escolha e utilização do didático de sociologia. Sobre isso, Meksenas afirma:

A partir da década de 80, quando se intensificam os estudos sobre o livro didático utilizado nas escolas brasileiras, observa-se que ainda são poucos os autores que buscam uma discussão que vá além da análise dos conteúdos propostos nesse tipo de material pedagógico. (MEKESENAS,1995, p.135)

Tais pesquisas, por sua vez, além de comporem o segundo grupo de trabalhos que identificamos no levantamento que fizemos são importantes para dialogar com nosso estudo já que investigam processos de escolha e utilização do livro didático. Nesse sentido, vale destacar duas dissertações que tiveram como objetivo investigar os usos a que são destinados os livros didáticos de sociologia após serem escolhidos e distribuídos pelo PNLD.

Como exemplo disso, temos duas dissertações de mestrado profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio defendidas na Fundação Joaquin Nabuco que investigaram os usos do livro didático na prática do professor, e que por conta disso, dialogam em muitos aspectos com a pesquisa por nos desenvolvida². A primeira que tem como título *Adoção do livro didático de Sociologia na Educação Básica: estudo com docentes da rede pública de Primeira Gerência Regional de Ensino da Paraíba* trata da adoção do livro didático de sociologia pelos professores da rede pública de ensino da Paraíba, entre os anos de 2014 e 2015.

¹ Ver Desterro (2010), Nascimento (2010), Sarandy (2010), Mello (2010), Fontes (2014) e Gomes e Zeitoune (2014), Souza (2013), Batista e Guedes (2013), Lima (2013), Albuquerque, Cardeal e Cravo (2013), Maçaira (2013), Silva e Souza (2013), Lima e Corrêa (2013), Nascimento e Oliveira (2013), Fonseca (2013), Bom (2015), Fontes (2015), Souza e Silva (2015), Engerhoff (2015) e Batista e Barbosa (2015). Os trabalhos de 2013 e 2015 encontram-se disponíveis nos annaes do ENASEB 2013 e ENASEB 2015, disponíveis em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=139:enaseb

² Tais aspectos serão contemplados no capítulo 3 – *Os usos do livro didático de sociologia* – desta dissertação.

Dessa maneira, a autora investiga como se dão os usos do livro didático de sociologia a partir do estudo de diferentes escolas públicas da Paraíba, com vistas a entender como a sociologia se institucionaliza no Ensino Médio e em que medida as orientações que estão na lei, no guia do PNLD e no próprio livro didático são seguidas, modificadas e/ou inovada pelos professores. Para isso, CAVALCANTE entrevista professores que lecionam em escolas de diferentes modalidades de ensino (Ensino Médio Integrado, Educação em Prisões, PROEJA, PRONATEC, EJA, CEJA, PROEMI) para entender como estes docentes se apropriam do livro didático.

É interessante observar que CAVALCANTE assim como em nossa pesquisa opta por investigar os usos que os professores fazem do livro didático e não os usos dos alunos, pois entendemos que o uso do livro didático pelo aluno tem em alguma proporção a orientação e influência de seu professor. Além disso, a autora destaca que o livro didático pode assumir função de currículo, formação para o professor e potencial para transpor um discurso científico em linguagem adaptada para os estudantes do Ensino Médio, pontos esses que também nos deparamos no decorrer de nossa investigação que vamos problematizar no capítulo 3 desta dissertação.

A segunda dissertação que trata sobre utilização do livro didático tem como título *O ensino de Sociologia hoje: Práticas docentes e o livro didático* parte do pressuposto que o livro didático não é o único instrumento a disposição do professor, mas um recurso “que assume papel protagonista no contexto escolar” (QUEIROZ, 2016). Com isso, o autor investigou como o professor desenvolve a sua prática docente a partir do livro didático afim de entender como as orientações presentes no livro didático interferem na prática docente e como o professor faz a transposição do conteúdo apresentado no livro didático para a sala de aula, a partir da realização de entrevista com professores da rede estadual de ensino da Paraíba.

É interessante observar, que até o presente momento essas duas dissertações são os únicos trabalhos a nível de pós-graduação no Brasil que tratam sobre a adoção do livro didático de sociologia. Além de investigarem a realidade de uso do livro de sociologia no estado de Pernambuco as duas buscaram traçar o uso que tem sido feito do livro didático a partir de entrevistas e questionários com um grupo de professores que lecionam em escolas estaduais.

Dessa forma, a pesquisa que desenvolvemos pode trazer assim como as duas dissertações apresentadas importantes elementos para pensarmos a prática do professor e o ensino de sociologia na Educação Básica a partir do uso que o professor faz do livro didático de sociologia. Além disso, com a peculiaridade de apresentar um contexto de utilização do livro didático de sociologia até então não investigado, a saber: a realidade de uma escola estadual do Rio de Janeiro, a partir do grupo focal e das observações que realizamos na escola e nas aulas de sociologia dos professores pesquisados. Acreditamos que associar grupo focal com observações do cotidiano escolar nos permitiu captar com maior profundidade a prática docente.

Além dessas dissertações, podemos incluir também nesse segundo grupo de trabalhos sobre escolhas e utilização do livro didático algumas pesquisas apresentadas em eventos acadêmicos e científicos da área e/ou publicados em periódicos como o de NOGUEIRA et al (2014) que teve como objetivo reconstituir o processo de escolha do livro didático de sociologia, na Paraíba, compreendendo o papel de cada agente envolvido nesse processo de escolha, através da aplicação de entrevistas e análise de documentos oficiais para o ensino de sociologia e o de ALMEIDA, NETO e PESSOA (2015) que objetivou através de entrevistas semiestruturadas, com professores de sociologia de seis diferentes escolas do Ceará, entender quais são os critérios utilizados pelos professores para escolherem o livro didático de sociologia.

Já em relação ao uso específico do livro didático de sociologia destacamos a monografia de conclusão de curso de Laura Góes defendida em 2013 que analisou no âmbito do PIBID as aulas de Sociologia antes e depois do PNLD de 2012, a fim de refletir sobre as consequências da implementação, no Ensino Médio, dos livros didáticos de Sociologia aprovado pelo PNLD. Nesse caso, a autora buscou entender como os professores utilizavam o livro didático antes e depois da implementação do PNLD, diferente de nosso estudo que analisa buscou entender como o livro didático é utilizado pelo professor, e recontextualizado pelo professor e não se detendo em verificar as mudanças que a política pública do PNLD pode ter acarretado nos usos que são feitos do livro didático.

Além da monografia citada, temos também, o artigo de FREITAS, GAIGUE e OLIVEIRA (2013) que analisaram as experiências de professores, licenciandos e estagiários com vistas à elaboração de um material didático, o de CAVALCANTE e

QUEIROZ (2015) e de SILVA e GALDINO (2015) que analisaram a utilização dos livros didáticos de sociologia na prática cotidiana dos professores em sala de aula. Esses trabalhos apresentam contribuições ao campo, mas ainda assim, percebemos a necessidade na área do ensino de sociologia de pesquisas que investiguem os usos do livro didático de sociologia, pois essas podem nos relevar aspectos relacionados à trajetória da disciplina e do professor, formação docente e discente e características do contexto escolar.

A respeito dos livros didáticos, analisando trabalhos que tratam do livro escolar de um modo geral, MUNAKATA (2013) o apresenta como uma mercadoria específica do ambiente escolar, ou seja, que tem a escola como mercado, já que estamos imersos no sistema capitalista, a este respeito, afirma:

“Em suma, a escola institui um espaço e uma temporalidade que não se reduz, como espelho ou reflexo, à sociedade que a contém, mas inaugura práticas e culturas que lhe são específicas. O livro didático, portanto, deve se adequar a esse mercado específico. Isso significa que a escola, tomada como mercado, determina usos específicos do livro (didático), também mediados pela sua materialidade. O termo “uso”, empregado por Lajolo (1996) não é por acaso: o que na escola se faz com o livro didático não cabe na simples palavra “leitura”. (MUNAKATA,2012, p. 185)

Desse modo, didático é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Para LAJOLO (1996):

Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina. Como sugere o adjetivo didático, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. (LAJOLO, 1996, p. 4)

Além desses aspectos, o livro didático tem a peculiaridade de ter o seu uso destinado a dois públicos específicos: professor e aluno. Nesse sentido, LAJOLO (1996) afirma que “Por dever de ofício, o professor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra didática, já que é a partir dele que o livro didático chega às mãos dos alunos.”. Sendo assim, a partir desses estudos, a pesquisa que fizemos complementou esses trabalhos, na medida em que buscou analisar a forma com que o público docente utiliza e recontextualiza os didáticos de sociologia.

Ainda em relação ao livro didático, Choppin identifica quatro funções que ele assume dentro da escola, a saber: função referencial, instrumental, ideológica/cultural e documental. A função referencial diz respeito ao modo que o livro didático apresenta o conteúdo disciplinar; a instrumental corresponde às metodologias de ensino, exercícios e atividades pertinentes à ciência de referência; a ideológica e cultural se relaciona com a cultura legitimada pelas classes dominantes e “vetor da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes” (CHOPPIN, 2004, p.553), sendo assim, um objeto cultural e símbolo nacional; e por fim, a função documental, pois o livro didático apresenta um conjunto de documentos, textuais ou icônicos, cuja observação ou confrontação podem vir a desenvolver o espírito crítico do aluno.

Essas funções destacadas, por Choppin, foram observadas em nosso estudo, mas é importante ressaltarmos que elas não se excluem e nem se condicionam mutuamente, por isso, somente uma pesquisa profunda que acompanhe a rotina diária do professor poderá dar conta de entender as funções que o livro didático assume no contexto escolar ao ser escolhido, ressignificado e utilizado pelo professor.

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo tem por finalidade apresentar o contexto de realização desta investigação, os critérios teóricos e metodológicos utilizados para a escolha da escola e dos professores investigados, de modo a evidenciar as condições de realização da pesquisa. Ademais, caracteriza as condições físicas e institucionais da escola e apresenta o livro didático de sociologia adotado por meio da política pública do PNLD.

O capítulo aborda também, como foram coletados os dados a respeito dos usos do livro didático pelo professor, além de apresentar o objeto, o espaço e os sujeitos que compuseram a amostra desta pesquisa analisados a luz da teoria de Basil Bernstein. Por meio da observação do uso do livro didático nas aulas de sociologia e dos encontros de grupo focal investigamos a relação entre o campo oficial de recontextualização e o campo de recontextualização pedagógico.

2.1 A relação entre a teoria e a prática no contexto da pesquisa.

Basil Bernstein (1924-2000) foi professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres e diretor da Sociological Research Unit. A escolha por este sociólogo da educação para sustentar teoricamente esta pesquisa se justifica porque este autor preocupou-se em investigar as dinâmicas internas das práticas pedagógicas em articulação com a estrutura social, já que para ele:

O modo como uma sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia os saberes destinados ao ensino reflete a distribuição do poder em seu interior e a maneira pela qual aí se encontra assegurado o controle social dos comportamentos individuais. (BERNSTEIN, p.47. 1996).

Bernstein procurou entender a constituição dos discursos e práticas pedagógicas a partir da articulação com os contextos sociais mais amplos, da mesma forma em que neste estudo, analisamos a prática do uso do livro didático de sociologia em articulação com o contexto educacional, que neste caso, engloba as políticas curriculares, os exames de avaliação externa³, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as provas de

³ “O Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb, instituído em 1990, é composto por um conjunto de avaliações externas em larga escala e tem como principal objetivo realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de alguns fatores que possam interferir no desempenho do estudante, fornecendo um indicativo sobre a qualidade do ensino ofertado. O levantamento produz informações que subsidiam a formulação, reformulação e o monitoramento das políticas públicas nas esferas municipal, estadual e federal, visando a contribuir para a melhoria da qualidade, equidade e eficiência do ensino. Além disso,

vestibular, o Programa Nacional do Livro Didático e ainda as condições materiais da escola.

Esclarecer os usos que são feitos com o livro didático de sociologia é um caminho para se entender o contexto educacional e as políticas públicas voltadas para o livro didático, além de proporcionar também, entender a trajetória da disciplina. Isto se dá porque o livro didático contribui para com o estabelecimento da disciplina, o que nas palavras de Bernstein poderíamos chamar de enquadramento e classificação, da sociologia no currículo da escola básica, pois além de divulgar o conhecimento das ciências sociais em linguagem acessível para o público escolar, também auxilia para com a legitimação da disciplina na conjuntura atual tendo em vista que o livro didático pode funcionar como currículo e mercadoria, tal como aponta CAVALCANTE:

O livro também pode adquirir função de currículo, norteador de quais temas, conceitos, teorias (BRASIL, 2006) e possibilidades de abordagens, metodologias e recursos podem ser empregados nas aulas. Tem potencial para transpor um discurso científico a um domínio mais compreensível, adequado ao ensino médio, entre outros atributos que ampliam potencialidades para os professores. Além disso, é uma política pública de amplo alcance e de altos investimentos do Estado brasileiro no que tange à avaliação, compra e distribuição de exemplares às escolas públicas. (CAVALCANTE. Pág.14. 2015)

Enquadramento é o termo utilizado para analisar a relação entre categorias, que podem ser sujeitos, discursos e práticas, ou seja, refere-se às relações sociais entre as categorias. Já o conceito de classificação tem a ver com o grau de manutenção de fronteira entre categorias. Nesse sentido, o livro didático contribui para com a presença e manutenção da sociologia no currículo escolar uma vez que serve para delimitar e legitimar os conhecimentos ensinados na sala de aula, além de diferenciar a sociologia das demais disciplinas do currículo.

Já em relação às funções que o livro didático acaba por assumir – currículo e mercadoria – entender os usos que os professores fazem deste recurso permite perceber também, os significados atribuídos ao ensino de sociologia na educação básica, pois entendemos e percebemos que cada professor usa o livro à sua maneira a fim de apresentar do modo que considera mais adequado para os seus alunos os conhecimentos sociológicos. A respeito disso:

procura também oferecer dados e indicadores sobre fatores de influência do desempenho dos alunos nas áreas e anos avaliados” (INEP, MEC, 2015).

O próprio guia de livros didáticos de Sociologia do PNLD 2015 destaca essa função pedagógica – de condução, orientação e atração para o conhecimento sociológico, através do livro didático – como característica primordial do professor. (CAVALCANTE. Pág. 15. 2015)

Seguindo este caminho, destacamos que o campo oficial de recontextualização inclui “os departamentos especializados e as subagências do Estado e as autoridades educacionais locais, juntamente com suas pesquisas e sistemas de inspeção” (BERNSTEIN, 1996, p.269) e o campo de recontextualização pedagógico inclui as universidades e departamentos de educação das escolas técnicas, as faculdades de educação e os meios especializados. Neste estudo, o campo de recontextualização oficial é representado pelo Governo, PNLD, avaliações e propostas curriculares oficiais, que no caso da rede estadual do Rio de Janeiro é norteadas pelo Currículo Mínimo de sociologia de 2012⁴. Em relação a este, segundo informação obtida no portal da SEEDUC, desde 2012, o Currículo Mínimo serve como referência a todas as escolas, apresentando as competências e habilidades básicas que devem estar contidas nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino-aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre.

Dito isto, nesta pesquisa consideramos o Currículo Mínimo de sociologia a fim de investigarmos a existência ou não de enquadramento e classificação entre este documento e o uso do livro didático, pelo professor. De acordo com o artigo 2º da Resolução Nº 4.866, de 14 de fevereiro de 2013, segundo o qual:

“O cumprimento do Currículo Mínimo é obrigatório em sua totalidade no ano letivo vigente, respeitando a autonomia do professor para possíveis ajustes, no interior do Currículo Mínimo fixado para o ano/série de sua atuação, que melhorem a progressão do ensino das competências e habilidades desse Currículo de acordo com as necessidades da unidade/turma”. (BRASIL, 2013.)

Já o PNLD é uma política pública nacional que tem como objetivo avaliar, comprar e distribuir de maneira gratuita os livros didáticos para os alunos da educação básica. O PNLD foi criado em 1985 e em 2012 passou a atender integralmente todas as séries do ensino médio.

⁴ O currículo mínimo de 2012 teve uma versão anterior publicada em 2011, mas o em voga atualmente na SEEDUC e que consideramos neste estudo é a última versão publicada em 2012. Sobre isso ver a dissertação de ANJOS, 2016.

A inclusão da disciplina sociologia no PNLD em 2012 representa além de um aspecto positivo em relação ao ensino de sociologia no Ensino Médio, também, a circulação do conhecimento científico das Ciências Sociais entre os estudantes do ensino médio em larga escala, já que em 2012 o programa atendeu a 7.981.590 alunos e 18.862 escolas e em 2015 atendeu a 7.112.492 estudantes e beneficiou 19.363 escolas, de acordo com dados fornecidos, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Tais números mostram que o conhecimento científico por meio do livro didático circula em maior escala no país, uma vez que em algumas famílias e casas esse pode ser uma das poucas ou única fonte de conhecimento científico à disposição do estudante e/ou de sua família.

A disciplina sociologia foi contemplada nas versões do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2012, 2015 e 2018 de acordo com edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático. Nessa direção, apresentamos os livros didáticos recomendados pelo PNLD, nas edições de 2012 e 2015, assim como, as respectivas quantidades compradas pelo Governo Federal para a utilização por professores e alunos da escola pública brasileira. Mas vale a ressalva de que vivenciamos no decorrer da pesquisa a publicação do Guia do PNLD 2018⁵, contudo os dados referentes a este ainda não foram divulgados e por esse motivo, não consideramos na pesquisa.

Tabela 1: Livros recomendados pelo PNLD.

⁵ No Guia do PNLD 2018 foram indicadas as mesmas obras contempladas pelo PNLD 2015, com exceção do livro Sociologia para o Ensino Médio.

Edição do PNLD de Sociologia	Livros recomendados pelo PNLD	Autor	Número de exemplares distribuídos	
			Livro do Aluno	Livro do Professor
PNLD 2012	Tempos Modernos, Tempos de Sociologia	Helena Bomeny, Bianca e Freire Medeiros.	1.130.942	16.515
	Sociologia para o Ensino Médio	Nelson Dacio Tomazi	2.650.528	36.505
PNLD 2015	Sociologia em movimento	Afrânio Silva Et All	2.387.750	32.746
	Sociologia hoje	Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros	1.639.710	22.935
	Sociologia para o ensino médio	Nelson Dacio Tomazi	1.232.574	18.144
	Tempos modernos, tempos de sociologia	Helena Bomeny, Bianca FreireMedeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia O'Donnel	1.029.308	14.368
	Sociologia	Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim	904.224	13.208
	Sociologia para jovens do século XXI	Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa	255.231	3.876

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponíveis no site do FNDE.

Ademais, o PNLD acaba por funcionar como um guia curricular na medida em que influencia autores e editoras na elaboração dos livros didáticos. Nessa direção, Bernstein identifica a relação entre esses dois campos de recontextualização, pois segundo o autor:

O grau de autonomia do campo recontextualizador pedagógico pode afetar profundamente o discurso pedagógico reproduzido nas escolas, essencialmente através do treinamento inicial e em serviço dos professores através dos livros, didáticos ou não, que vêm do campo recontextualizador pedagógico. Entretanto, um controle mais direto sobre as escolas, por parte do Estado, através de currículos e sistemas de avaliação e inspeção altamente centralizados, pode limitar seriamente a influência dos campos recontextualizadores pedagógicos. O controle, por parte do Estado, do financiamento, dos temas e do foco da pesquisa limita ainda mais a influência do campo recontextualizador pedagógico. (BERNSTEIN. Pág. 283. 1996).

Além disso, há a questão do lucro que os livros didáticos geram para as editoras, uma vez que ao serem recomendados pelo PNLD, o Governo Brasileiro constitui-se como o principal comprador⁶. Sobre este aspecto MEUCCI afirma:

[...] um dos efeitos do PNLD é a imposição de um modelo de livro didático disseminado entre todas as disciplinas e por todo país, repercutindo também nos livros comercializados no mercado, se constituindo como um padrão e, possivelmente, como um selo de qualidade para as editoras que os têm aprovados. (MEUCCI, 2014, p.214).

Com isso, percebemos o campo recontextualizador pedagógico (práticas educacionais, conteúdos e investigações pedagógicas) sendo influenciado pelo campo recontextualizador oficial (Governo e autoridades educacionais), na medida em que de algum modo o PNLD funciona como um guia curricular e, por conseguinte, o livro didático legitima e dissemina pelo país os conhecimentos científicos tidos como importantes de serem ensinados.

De acordo com MUNAKATA (2012) o “livro produzido para fins educacionais visando principalmente ao público escolar” é um propositor de currículo, pois percebemos, por exemplo, no Brasil, que o livro didático se tornou um orientador legítimo do trabalho em sala de aula porque já passou pela avaliação do campo recontextualizador oficial, através da análise empreendida pelos avaliadores do PNLD.

Ainda é possível afirmar que o livro didático se relaciona tanto com o campo de recontextualização oficial, como também, com o campo de recontextualização pedagógica. Isto se dá, pois ele é um instrumento didático que passa pelo crivo e análise do campo de recontextualização oficial, por meio do PNLD, mas é utilizado e elaborado por agentes que constituem o campo de recontextualização pedagógica. Na prática isto se dá, pois, os avaliadores do PNLD, por exemplo, são professores universitários e da educação básica, mas que ao participarem das avaliações das obras didáticas submetidas ao programa estão representando o campo oficial de recontextualização.

O campo de recontextualização pedagógica é para Bernstein os meios especializados de educação (jornais, revistas e editoras, juntamente com seus

⁶ Vale ressaltar, que o Brasil é o terceiro país que mais compra livro didático no mundo.

avaliadores e consultores) e até mesmo os campos não especializados no discurso educacional e suas práticas, desde que sejam capazes de influenciar o Estado e os seus vários arranjos sobre locais, agentes e práticas especiais no interior da educação. Desse modo, no caso desta pesquisa é a escola e as salas de aula que investigamos, o Colégio Estadual Olga Benário Prestes que se constituem como sendo o campo de recontextualização pedagógica por se constituírem como um espaço especializado no discurso educacional.

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Olga Benário Prestes com três professores da equipe de sociologia dessa instituição. O Colégio situado na rua Joana Fontoura nº 20, Bonsucesso, Rio de Janeiro, foi construído com vistas a atender a região do Complexo do Alemão. A escola foi inaugurada no dia 03 de fevereiro de 2014, absorveu os alunos e funcionários do colégio de mesmo nome que funcionava na rua Uranus e, também, a comunidade escolar do Colégio Estadual Lélia González extinto em dezembro de 2013. A unidade escolar Olga Benário Prestes é pública, sua entidade mantenedora é o governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Secretária de Estado representada pela regional Metropolitana III.



Foto 1: Entrada do Colégio Estadual Olga Benário Prestes. Foto de Rogério Santana /GERJ (03/02/2014). Disponível em: <https://fotospublicas.com/complexo-alemao-ganha-nova-escola/>. Acessado em 15/11/2017.

Atualmente, o colégio atende cerca de 2390 alunos, contando com 174 funcionários para atender as demandas do Ensino Médio. A escola possui 66 turmas

distribuídas em três turnos (manhã, tarde e noite). O turno da manhã funciona de 07h:00min às 12h20min, o da tarde de 12h30min às 17h40min e o da noite de 18h20min às 22h40min. Vale destacar que a escola oferece almoço e/ou janta para alunos e funcionários de acordo com os respectivos turnos.

A oferta do Ensino Médio regular se dá nos três turnos de funcionamento, mas no turno da noite, a escola oferece também, a modalidade Nova Educação de Jovens e Adultos (Nova EJA), sendo esta restrita para os discentes com mais de 18 anos de idade.

O Colégio Estadual Olga Benário Prestes possui 39 salas distribuídas em 3 andares. Além das salas de aula, a escola conta também, com uma quadra poliesportiva, piscina coberta, biblioteca com cerca de 9.800 livros catalogados entre dicionários e livros literários⁷, sala de projeção de multimídia com equipamentos de informática que são usados pelos professores, mas de acordo com um planejamento prévio, pois para utilização desta sala é necessário agendamento anterior.

Além desses espaços há o pátio que dá acesso à secretária, sala da coordenação, direção e dos professores. O colégio ainda dispõe de rampa e elevador o que permite maior acessibilidade e mobilidade dentro da escola, além de banheiros em todos os andares. Vale destacar que a escola possui auditório com capacidade para 200 pessoas, laboratório de química, informática, sala de música, artes e de idiomas. A seguir, apresentamos algumas fotos da escola que foram feitas ao longo do trabalho de campo.



⁷ Há também livros didáticos, mas estes não são catalogados.

Foto 2: Alunos do 2º ano do Ensino Médio realizando atividade da aula de Sociologia na biblioteca no dia 29 de agosto de 2017. Foto de: Tais Santana.



Foto 3: Biblioteca do Colégio Estadual Olga Benário Prestes, no dia 14 de novembro de 2017. Foto de: Tais Santana.



Foto 4: Piscina poliesportiva coberta do Colégio Estadual Olga Benário Prestes, em 14 de novembro de 2017. Foto de: Tais Santana.

Percebemos que é possível ao professor do Olga ter acesso a uma infraestrutura de qualidade, pois além dos espaços já descritos, a escola dispõe de projetores, auditório,

equipamentos de informática e biblioteca. Tais espaços podem ser apropriados, resignificados e recontextualizados de acordo com a proposta pedagógica do docente.

Estas questões estruturais foram um dos motivos que nós levou a escolher o Colégio Olga Benário Prestes como campo para a realização desta pesquisa, pois entendemos que o professor de algum modo, ainda que com dificuldades ou limites colocados pela própria dinâmica escolar, tem ao seu dispor não somente um ambiente favorável à prática pedagógica, como dispõe de outras ferramentas didáticas além do livro didático, pois de acordo com Michael Apple (1995) em muitas realidades o livro didático é a única ferramenta que alunos e professores têm ao seu dispor.

Além da questão estrutural que é vista pela comunidade escolar (alunos, professores e funcionários) como excelente⁸, outro aspecto valorizado pelos discentes, docentes e funcionários é o fato do colégio ter parceria com o Instituto Empreender⁹, CEDAE, UFRJ, SESC e UNISUAM. As instituições educacionais parceiras garantem para alguns alunos a possibilidade de estudo e formação com bolsas e descontos, além de orientar os jovens em sua inserção no mercado de trabalho e ensino superior. Tais aspectos, percebemos ao longo da vivência no Olga, como pontos valorizados e divulgados na escola.

Durante o turno da tarde e/ou no horário do recreio ocorrem oficinas de Arte e Ciência com os alunos fruto de uma parceria do Olga com a Escola de Medicina da UFRJ. As oficinas privilegiam a formação do jovem por meio de atividades em torno de temas relacionados à cidadania e direitos humanos. As oficinas ocorrem semanalmente e contam com a presença de alunos bolsistas e docentes da escola de medicina da UFRJ, como podemos observar na foto a seguir feita durante a realização de uma oficina realizada no dia 22 de agosto que discutiu sobre temas sociais, como aborto, violência, preconceito e reforma do Ensino Médio.

⁸ Esta percepção acerca da escola foi citada por professores, alunos e inspetora durante as observações realizadas, na escola, e, citada no Projeto Político Pedagógico 2017 do Olga.

⁹ O Empreender é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que atua desde 2000, por meio de parcerias para o fortalecimento da sociedade civil organizada e para a inclusão social, promover a qualificação socioprofissional e orientação profissional e de empregabilidade aos jovens.



Foto 5: Oficina “Vamos conversar?” realizada pelo Projeto Juventudes da UFRJ. Foto: Tais Santana.

Por outro lado, alguns aspectos foram percebidos como pontos negativos e prejudiciais para a realização de algumas atividades, no Olga, tais como: violência nas comunidades do entorno da escola, falta de profissionais de apoio e pedagógico como por exemplo porteiro, inspetores e guardião na piscina. A falta desse último profissional impossibilita o acesso à piscina que acaba não sendo utilizada nem pela comunidade escolar e muito menos pela população residente no entorno da escola. Nesse sentido, feita as considerações a respeito do contexto em que realizamos nossa investigação, vamos discutir a partir de Bernstein as questões curriculares do Olga.

De acordo com Basil Bernstein, o sistema educacional constitui-se por três níveis de ensino que juntos formam um todo coerente, a saber: Currículo, pedagogia e avaliação. O currículo define o modo pelo qual o conhecimento socialmente legitimado se organiza; a pedagogia¹⁰ corresponde à forma de realização do currículo e por fim, a avaliação que tem a ver com a realização do conhecimento pelo fato de ser o instrumento responsável por verificar a aprendizagem ou não do conhecimento legitimado pelo currículo escolar.

Para Bernstein há currículos de tipo coleção e de tipo integrado. Os currículos de tipo coleção são aqueles em que as áreas de conhecimento são bem definidas e isoladas,

¹⁰ De acordo com Bernstein as práticas pedagógicas não estão restritas ao ambiente escolar, estando por este motivo, presentes também em outras relações, como por exemplo, entre pais e filhos, médicos e pacientes.

é o caso, por exemplo, do currículo disciplinar, já nos currículos integrados as áreas do conhecimento não são bem demarcadas e definidas. Podemos dizer com isso, que o currículo do Olga é do tipo coleção, pois as áreas de conhecimento são bem demarcadas, separadas e definidas, uma vez que, há tempos de aula dedicados ao ensino de sociologia, outros ao ensino de português, matemática, história e geografia, por exemplo, seguindo a matriz curricular definida pela SEEDUC, como podemos observar a seguir:

Quadro 1 - Matriz curricular

ANEXO ÚNICO
MATRIZ CURRICULAR
ENSINO MÉDIO - PARCIAL - DIURNO E NOTURNO

ÁREA DE CONHECIMENTO DISCIPLINAS	COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA SEMANAL			CARGA HORÁRIA ANUAL			TOTAL
		SÉRIE			SÉRIE			
		1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª	
CIÊNCIAS DA NATUREZA	BIOLOGIA	2	2	2	80	80	80	240
	FÍSICA	2	2	2	80	80	80	240
	QUÍMICA	2	2	2	80	80	80	240
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	5	5	4	200	200	160	560
CIÊNCIAS HUMANAS	FILOSOFIA	2	2	2	80	80	80	240
	GEOGRAFIA	2	2	2	80	80	80	240
	HISTÓRIA	2	2	2	80	80	80	240
	SOCIOLOGIA	2	2	2	80	80	80	240
LINGUAGENS	ARTE	0	0	2	0	0	80	80
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	2	2	80	80	80	240
	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	5	5	4	200	200	160	560
	LÍNGUA ESTRANGEIRA OBRIGATÓRIA	2	2	2	80	80	80	240
	LÍNGUA ESTRANGEIRA OPTATIVA	1	1	1	40	40	40	120
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	1	1	1	40	40	40	120
CARGA HORÁRIA TOTAL (em tempos)		30	30	30	1200	1200	1200	3600

Id: 1955442

Fonte: Diário Oficial do estado do Rio de Janeiro Ano XLII N° 085 – 11 de maio de 2016.

Em relação à matriz curricular da SEEDUC, é importante esclarecer que a mesma foi aprovada em 2016 para ser implementada em 2017. Todavia a grade se aplica aos alunos que ingressaram em 2017 no 1º ano do Ensino Médio e assim se estende às demais series.

A pedagogia por sua vez, para Bernstein pode ser de dois tipos distintos: visível e invisível. Na visível as relações hierárquicas e as regras de organização são explícitas e conhecidas pelos estudantes, enquanto que na pedagogia do tipo invisível as relações hierárquicas e as regras são desconhecidas dos estudantes. Segundo esse autor:

“As pedagogias visíveis realizam-se através de classificações e estruturas rígidas. A diferença básica entre as pedagogias visíveis e as invisíveis está na maneira pela qual os critérios são transmitidos e no grau de especificidade dos mesmos. Quanto mais implícitas a maneira de transmissão e mais difusos os critérios, mais invisível a pedagogia;

quanto mais específicos os critérios e mais explícita a maneira de sua transmissão, mais visível a pedagogia” (BERNSTEIN. pág. 26. 1984.)

No caso do colégio Olga, identificamos situações que de acordo com Bernstein poderíamos classificar de pedagogia visível, pois os critérios de avaliação, regras e hierarquias são explícitos e de conhecimento dos estudantes, tais como podemos perceber a seguir em um trecho retirado do projeto político pedagógico da escola e, também, de conteúdo colocado no quadro pelos professores ao longo das aulas. No caso do PPP da escola lê-se que:

“Será promovido o discente cujo somatório das avaliações totalizar 10 (dez) pontos, se o curso for organizado em semestre letivo, e 20 (vinte) pontos, se o curso for organizado em ano letivo. Nas avaliações bimestrais deverão ser utilizados, no mínimo, 03 (três) instrumentos avaliativos diversificados com valores definidos pelo professor para composição da nota bimestral do discente [...] será retido no ano de escolaridade, série, fase ou módulo o discente que não apresentar, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) de frequência do total da carga horária prevista no período letivo.” (Colégio Estadual Olga Benário Prestes. pág. 19. 2017.)

Ou seja, por meio deste trecho, podemos inferir que as regras estão explícitas e definidas para os alunos, como percebemos também em algumas aulas, que acompanhamos, em que os professores explicaram e colocaram no quadro, para os alunos, os critérios de avaliação, observados na aula descrita a seguir, cujo objetivo era revisar a matéria da prova:

Quadro 2 – Conteúdo exposto no quadro na aula do dia 20 de junho de 2017.

Rio, 20/06/2017.

Turma 2004

Revisão para prova

Conteúdos que serão cobrados: Trabalho para Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim.

Capítulo 7 do livro didático – páginas 134 até 139.

A prova será composta por:

- Três questões objetivas.
- 1 Questão discursiva para aprofundar o tema.
- 1 Questão discursiva para expor como quiser (texto ou desenho).
- Questões objetivas (X) e questão discursiva (abcabcabc).

É interessante observar que nesta aula, cujo objetivo principal seria o de fazer a revisão dos conteúdos avaliados na prova, para os alunos foi muito mais importante entender como os conteúdos seriam cobrados e avaliados do que entender o conteúdo propriamente.

Nessa direção, foram registradas as seguintes perguntas: “professor, quantas questões terá a prova?”, “vai ter pergunta de escrever ou de marcar x?”, “pode rasurar?”. Por conta dessas perguntas e outras tantas indo nesse mesmo sentido, o professor acabou por colocar no quadro como cobraria os conteúdos e explicou os critérios de avaliação. Então, colocou na lousa e explicou a estrutura da prova que segundo o professor teriam três questões objetivas e mais duas questões discursivas que o professor chamou de questões abertas. Sendo assim, entendemos que a pedagogia no caso dessas situações vivenciadas no CE Olga classifica-se como visível, pois os critérios de avaliação estão bem explícitos e definidos para os alunos com um enquadramento forte já que é a instituição escola quem define as regras desse discurso, já que a escola controla os horários, comportamento e os critérios de avaliação e comunicação, pois:

Se forem recursos discursivos, então as características distintivas serão constituídas pela seleção, organização (sequenciamento), compassamento e critérios comunicantes, juntamente com as características da localização física. Enquadramento forte: o transmissor controla a seleção, a organização, o compassamento, os critérios da comunicação e da posição, a postura e vestimenta dos comunicantes, juntamente com o arranjo da localização física.” (BERNSTEIN, pág. 60. 1996)

Ainda em relação ao Colégio Olga, também consideramos importante apresentar o livro didático de sociologia que os professores escolheram para utilizar entre 2015 e 2017. Nessa direção, é importante deixar claro que o professor tem a sua disposição não somente o livro que adota por intermédio do PNLD, uma vez que pode ter acesso a outros livros e fontes, mas o aluno da educação básica, ao contrário do professor muitas vezes só tem o livro que recebe na escola através desta política pública.

Desse modo, no ano de 2014 os professores escolheram entre os 06 (seis) livros recomendados pelo guia do PNLD 2015 o livro didático *Sociologia Hoje* para os estudantes do Olga. O livro em questão é de autoria de Igor José Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha Machado publicado em 2012, pela editora Ática.

Vale pontuar, que esse livro foi recomendado pelos avaliados do Programa Nacional do Livro Didático com a seguinte indicação no guia do PNLD 2015.

“O ponto forte deste livro é a sua proposta de abordagem fundamentada na divisão das três áreas das Ciências Sociais – Antropologia, Sociologia e Ciência Política, cada qual trabalhada em unidades específicas e independentes. Essa característica faz com que os principais temas das ciências sociais recebam tratamento detalhado, favorecendo uma compreensão mais sistematizada sobre eles. Destaca-se pela linguagem apropriada e pelo projeto visual organizado em torno do grafite, tornando o livro interessante e aproximando-o do universo simbólico do aluno.” (Guia do PNL D. pág. 40. 2015)

Em relação à proposta de abordagem do livro que apresenta as Ciências Sociais organizadas entre Antropologia, Sociologia e Ciência Política, cada qual separada em um capítulo, entendemos de acordo com a teoria de Bernstein que esse livro apresenta enquadramento forte, pois, as fronteiras teóricas e perspectivas metodológicas dessas três áreas que compõem as ciências sociais estão separadas, de modo a deixar claro para o aluno as características, particularidades, similaridades e diferenças dessas três áreas de conhecimento das ciências sociais.

Tanto a separação do livro entre as três áreas das ciências sociais, como também, a linguagem e o projeto visual em torno do grafite são destacados como pontos positivos e específicos do livro *Sociologia hoje* no Guia do PNL D 2015 e, também, pelos professores que investigamos durante essa pesquisa. Os professores ressaltaram que um dos principais aspectos que os levaram a escolher esse livro entre os recomendados pelos avaliadores do programa foi justamente a qualidade gráfica, as imagens, o grafite, o colorido do livro e sua organização que nos remete a sites e blogues da internet, o que segundo os entrevistados se aproxima dos estudantes secundaristas do CE Olga. No entanto, deixaremos a análise mais aprofundada acerca disso, para o capítulo três que trará o exame dos dados que obtivemos em nossa pesquisa.

O livro do aluno se apresenta em 328 páginas, a partir de uma estrutura composta por uma apresentação, uma introdução chamada “O que é sociedade?” e três unidades; unidade 1 – Cultura; unidade 2- Sociedade; unidade 3 – Poder e cidadania. Já o livro do professor, além das 328 páginas do livro do aluno conta com mais 96 páginas voltadas para os docentes, o chamado manual do professor, cujo objetivo é não só sugerir possíveis maneiras de utilizar o livro, gabarito e possíveis percursos para aula, mas também apresentar para o público docente como o livro está estruturado e organizado. Mas ainda em relação ao livro do aluno DESTERRO (2016) nos apresenta o seguinte quadro acerca da organização do livro:

Quadro 3 – Unidades e capítulos do livro *Sociologia Hoje*

UNIDADES	CAPÍTULOS
1. Cultura	1. Evolucionismo e diferença 2. Padrões, normas e cultura 3. Outras formas de pensar a diferença 4. Antropologia brasileira 5. Temas contemporâneos de Antropologia
2. Sociedade	6. Pensando a sociedade 7. O mundo do trabalho 8. Classe e estratificação 9. Sociologia brasileira 10. Temas contemporâneos de Sociologia
3. Poder e cidadania	11. Política, poder e Estado 12. Globalização e política 13. A sociedade diante do Estado 14. A política no Brasil 15. Temas contemporâneos de Ciência Política

Fonte: Machado; Amorim; Barros (2013) apud Desterro (2016).

Entendemos que o livro didático, de acordo com os estudos de Bernstein, pode ser entendido como um tipo de recontextualização pedagógica, pois o conhecimento apresentado neste material é o conhecimento das Ciências Sociais que foi recontextualizado, ou seja, adaptado, modificado e realocado visando o público escolar da educação básica. O conceito de recontextualização diz respeito ao processo pelo qual um determinado conhecimento ou discurso ao sair de seu contexto de origem, se apropria de outros discursos, ideias e práticas e é reorganizado de acordo com o contexto. Conforme DESTERRO:

“(…) princípio recontextualizador inclui a apropriação, relocação e o estabelecimento de relações com outros discursos para constituir uma nova ordem. No final do processo de recontextualização o texto não é mais o mesmo por que: (a) mudou sua posição em relação a outros textos, práticas e posições; (b) foi modificado pela seleção, simplificação, condensação e elaboração; e (c) foi reposicionado e refocalizado.” (DESTERRO, p. 19. 2016).

Sendo assim, entendemos o livro didático, como um recurso que é recontextualizado, na medida em que o conhecimento das Ciências Sociais passa pelo processo de didatização e, também, ao ser utilizado pelo professor, que atua como mais um agente no processo de recontextualização do conhecimento acadêmico para o contexto escolar.

2.2 Percurso metodológico

Como metodologia para a realização desta pesquisa, foi realizado um trabalho de campo onde foi possível observarmos na prática e no cotidiano escolar como os professores utilizam o livro didático. Além da observação, fizemos também, dois encontros de grupo focal com os professores pesquisados além da aplicação de um questionário estruturado para mapearmos o perfil acadêmico e profissional do docente.

A escolha por realizarmos as observações do cotidiano escolar do CE Olga Benário e de acompanharmos algumas aulas dos professores investigados sustenta-se na ideia de MALINOWSKI (1984) de que somente a partir da inserção no cotidiano em que se quer entender e analisar é possível observar a maneira como determinado costume é posto em prática, neste caso, a utilização do livro didático de sociologia. Além disso, acreditamos que torna mais rico para a pesquisa investigar o objeto por meio de mais de um método de investigação, pois podemos confrontar o que é dito no grupo focal com o que é vivenciado na escola, para assim captarmos possíveis contradições além de reafirmar ou não o que foi dito pelos pesquisados.

Com isso, realizamos na pesquisa a chamada triangulação.

“O conceito de triangulação, conforme diversos autores, é proveniente da técnica de navegação, em que se tomam pelo menos três pontos diferentes para se determinar a localização de um objeto (SMITH apud EASTERBYSMITH; THORPE; LOWE, 1999). Como observa Stake (1995), o termo é baseado na técnica de determinação da posição de um navio no oceano por meio das posições de três estrelas no céu; porém, em se tratando de procedimento de pesquisa, o desafio principal de um pesquisador não é localizar-se, mas conferir significado às suas conclusões em um estudo de caso.” (ZAPPELLINI e FEUERSCHUTTE. pág. 243-244. 2015)

Com relação à metodologia de pesquisa, a triangulação é quando o pesquisador utiliza mais de um método para analisar um mesmo fenômeno social com o intuito de dá maior confiabilidade às evidências coletadas através da observação em campo. Por este motivo, nesse estudo analisamos os usos do livro didático de sociologia pelos professores a partir das observações de campo e dos encontros do grupo focal.

Dito isto, para recolha dos dados referentes aos usos do livro didático de sociologia pelo professor foram realizados dois encontros de grupo focal com os três professores de sociologia que acompanhamos durante os meses de junho a novembro de 2017. Além dos encontros do grupo focal também realizamos observações de

algumas aulas de sociologia dos três professores investigados e da rotina escolar do Colégio Olga para triangular com os dados obtidos por meio do grupo focal.

A escolha por realizarmos observações de campo se dá, pois, através dessa técnica nos foi possível observar os significados que os livros didáticos desempenham no cotidiano escolar, e ainda, descrever por meio da análise dos dados que obtivemos através de grupo focal como os livros estão sendo apropriados, pois este instrumento didático pode ser utilizado de diversas maneiras. Como afirma TAKAGI (2007):

Os professores podem perceber o livro didático de diversas formas, dependendo de sua estratégia de trabalho, havendo aqueles que o utilizam como único recurso, aqueles que os completam com outros materiais, outros que só o utilizam como material auxiliar para que o aluno estude em casa, havendo até professores que não os utilizam. (TAKAGI, 2007, p. 109)

Por meio da observação das aulas dos professores do CE Olga foi possível descrevermos não apenas como os livros são utilizados, mas também, entendermos o cotidiano da sala de aula da escola, que de acordo com Basil Bernstein seria o contexto recontextualizador secundário¹¹. Esse contexto é onde ocorre a reprodução do discurso pedagógico que fora produzido no contexto recontextualizador oficial, que corresponde ao local onde o discurso educacional é criado, selecionado e modificado.

Diante disso, este estudo apresenta a experiência de utilização do livro didático de sociologia pelo professor, por meio dos dados obtidos nos encontros do grupo focal e, das observações de aula e do cotidiano escolar que realizamos no Olga. De acordo com Marli André em *Etnografia da Prática Escolar* esses estudos do cotidiano escolar são importantes, pois:

Por meio de técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico. (ANDRÉ, Marli. 2012. p. 41)

Já em relação ao método do grupo focal, que também pode ser chamado de grupo de discussão constitui-se como uma conversa semiestruturada, com um roteiro pré-estabelecido, dirigida por um moderador, num grupo pequeno, e gravada para análise

¹¹ Para Bernstein, esse contexto pode incluir a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e, ainda, o nível Superior.

posterior. A dinâmica de grupo possibilita ao pesquisador captar o discurso textual das pessoas e uma interação social, o que leva as pessoas a construírem suas opiniões e percepções. Ademais, pelo fato de ser realizado em grupo possibilita a construção de um discurso coletivo. Sobre isso, FLORES afirma:

“[...] "grupo de discusión" o "discusión de grupo" pueden encontrarse con frecuencia en la literatura sobre investigación en ciencias sociales, aludiendo a una diversidad de experiencias grupales con finalidades y funcionamiento muy variados. En particular, en el ámbito de la investigación sobre educación, la discusión de grupo se ha empleado como técnica de enseñanza-aprendizaje, como procedimiento para la formación de líderes o para la formación del profesorado, como técnica de orientación a alumnos o padres. Sin embargo, la técnica del grupo de discusión considerada aquí difiere substancialmente de la concepción implícita en este tipo de enfoques.” (FLORES, pág 200. 1992)

Nessa direção, realizamos 18 visitas à escola distribuídas entre 30 de maio de 2017 e 21 de novembro de 2017. As observações na escola e acompanhamento das aulas de sociologia aconteciam sempre as terças-feiras, tendo início às 10:00 h da manhã e encerrando-se por volta das 15:00 horas. Nesse momento vale pontuarmos que todas as nossas visitas à escola assim como as entrevistas realizadas foram feitas com autorização da Metropolitana III após darmos entrada no processo de solicitação de entrada na escola onde entregamos o projeto assim como os materiais que foram utilizados na pesquisa. Dessa maneira, quando iniciamos o trabalho na escola os professores já estavam cientes da pesquisa¹².

As visitas iniciavam-se na sala dos professores no horário do intervalo, onde por conta das conversas que se davam entre os professores de sociologia e os demais docentes da escola nos permitiam perceber a rotina diária da instituição. Após o fim do recreio, acompanhávamos as aulas de dois professores da seguinte maneira: em uma terça assistíamos a aula do professor A e na terça seguinte do professor B. É importante colocarmos que a fim de mantermos o anonimato e as identidades dos professores que participaram desta pesquisa, seus nomes foram substituídos pelas letras A, B e C.

Após o término das aulas dos professores A e B e do horário do almoço assistimos algumas aulas do professor C. Durante o acompanhamento das aulas, não houve intervenção ou participação nas aulas, pois nos limitamos à observação das aulas, tentando justamente entender como cada professor lecionava e o lugar que o livro didático

¹² No apêndice F desta dissertação encontra-se a carta entregue aos professores no momento de entrada na escola e o comprovante de solicitação encaminhado à Metropolitana III.

ocupava em determinada aula. No entanto, vale destacar que uma pessoa “estranha” ao ambiente da escola não passa despercebida, por isso, ainda que apresentada aos alunos como pesquisadora da UFRJ que estava lá realizando um estudo sobre livros didáticos, por muita das vezes fui identificada pelos alunos como estagiária ou como uma aluna do segundo ano dizia “estagiária infiltrada que anotava as coisas para depois contar aos professores”.

Além dessas observações realizamos também dois encontros de grupo focal que se constituíram como principal técnica de recolha de dados no campo. Vale ressaltar que o planejamento inicial da pesquisa previa a realização de uma etnografia, isto se dá, pois a princípio, pensávamos realizar as observações de campo na escola e escrevermos uma etnografia sobre o uso do livro didático, em especial o de sociologia, na escola, desse o início do ano letivo até o seu encerramento. Mas ao entrarmos com o processo de solicitação de entrada na escola, demoramos cerca de um ano para obtermos a autorização, por conta disso, fizemos a opção teórico-metodológica por realizarmos encontros de discussão complementados por algumas observações, por entendermos que associar observações ao grupo focal permite comprovar ou refutar o que é dito com o que vivenciado na prática docente de nossos investigados.

Nesse sentido, a presente pesquisa concentrou-se na observação, análise e aplicação de grupo focal em uma única escola, constituindo-se assim, como um estudo de caso, que de acordo com YIN (2001) “representa uma maneira de se investigar um tópico empírico”, que neste estudo é o uso do livro didático de sociologia. Por se tratar do estudo de uma realidade específica no ensino médio, não temos a pretensão de generalizar para todo o sistema de ensino o modo como o livro didático é recontextualizado e utilizado, tendo em vista ser este um caso de uma realidade educacional específica, mas certamente trará elementos importantes e poderá propiciar a realização de novos estudos e pesquisas na área de ensino de sociologia, especialmente os estudos interessados em investigar os usos dos livros didáticos em sala de aula.

Dessa maneira, propomos para a realização deste estudo a pesquisa no Colégio Estadual Olga Benário Prestes. A escolha para a realização da pesquisa nessa escola foi feita a partir da aplicação de questionário autoaplicado (GIL, 2014, p.121.)¹³. De acordo com GIL (2014, p.121), o questionário é uma “técnica de investigação composta por

¹³ O questionário que aplicamos aos professores encontra-se no apêndice A desta dissertação.

um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Sendo assim, através do questionário sobre o uso do livro didático de sociologia enviado por e-mail para uma amostra de 180 professores de sociologia da rede pública do estado do Rio de Janeiro buscamos identificar quais professores utilizam o livro didático de sociologia cotidianamente e obtivemos uma amostra total de 37 questionários respondidos¹⁴.

Dos 37 questionários respondidos, cinco deste foram de professores que afirmaram utilizar cotidianamente o livro didático de sociologia em suas aulas e/ou para a preparação das mesmas e elaboração de atividades e avaliações. Sendo assim, dos cinco professores com perfil que atendiam aos requisitos para a realização da pesquisa, desconsideramos dois, pelo fato de lecionarem em escolas distantes do município do Rio de Janeiro.

Feito isso, identificamos três professores, de três escolas distintas que se encaixaram no perfil da pesquisa, mas ao entrarmos em contato com estes para entrevistá-los e conhecermos a escola que trabalham, conseguimos conversar e conhecer a escola de apenas dois deles e entre esses dois ficamos com o professor que leciona no Olga. Optamos por realizar a pesquisa no Colégio Estadual Olga Benário Prestes, por esta escola ter uma estrutura física que possibilita alternativas pedagógicas ao professor, de modo que o uso do livro didático se dá como uma escolha e mais uma alternativa de recurso pedagógico à disposição do professor e não como uma imposição dada às precárias condições materiais em que o professor é submetido, no realizar de sua atividade docente.

Vale ressaltar que a equipe de professores do Olga é constituída por seis professores, no entanto, a pesquisa foi realizada apenas com três professores. Os demais professores da escola não fizeram parte da pesquisa, pois um estava de licença, um leciona em turmas de EJA, não constituindo assim o universo de análise da pesquisa e o outro chegou à escola somente no 3º bimestre para substituir um dos professores pesquisados que foi afastado da sala de aula para realizar cargo de gestão. No entanto, o professor de Sociologia afastado de sala de aula para exercer atividades de gestão na escola, continuou participando da pesquisa e dos encontros do grupo focal.

¹⁴ Ver apêndice B.

Como citamos anteriormente a pesquisa foi realizada com 3 (três) professores de sociologia do CE Olga. Os três docentes têm formação em Ciências Sociais com bacharelado e licenciatura, onde um deles tem também mestrado em Sociologia e Antropologia. A seguir apresentamos de maneira resumida a formação acadêmico profissional de cada professor que convivemos ao logo de um semestre letivo, com base nos dados respondido por eles, no questionário estruturado que teve como objetivo mapear o perfil acadêmico e profissional de cada um dos docentes¹⁵.

Tabela 2 - Formação dos professores

Identificação do professor	Idade	Formação	Universidade e ano de formação	Cursos de formação continuada e/ou pós-graduação	Número de escolas que trabalho	Tempo como docente de sociologia da educação básica
Professor A	40 anos	Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais	UFF, 2007.	Não possui.	2	4 anos
Professor B	38 anos	Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais	UFRJ, 2004.	Mestrado PPGSA-UFRJ, 2007.	2	12 anos
Professor C	44 anos	Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais	UERJ, 2012.	Não possui.	1	5 anos

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados por meio do questionário aplicado aos professores.

Vale frisar que os professores trabalham no Olga e em mais outra escola, seja da rede estadual e/ou escola privada, demoram em média 1 hora e 30 minutos de deslocamento entre casa e escola utilizando transporte público e 2 (dois) entre os 3 (três) que acompanhamos ainda desempenham outra atividade remunerada além da docência.

Nesse sentido, por conta da rotina de trabalho que apresentam, tempo gasto em deslocamento e ainda as dificuldades que sinalizaram que enfrentam dentro da escola relacionadas principalmente a dificuldade de utilizarem diferentes recursos em sala de aula tais como filmes, data show, música e computador (sobre isso ver capítulo 3), o livro didático acaba contribuindo para com a formação e preparação de aulas do

¹⁵ Ver apêndice C.

professor pelo fato de apresentar em suas páginas o conteúdo das ciências sociais já didatizado e que nas mãos do professor será mais uma vez recontextualizado para os estudantes da educação básica. Sendo assim, tais aspectos relacionados ao uso do livro didático de sociologia pelo professor serão discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

OS USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA

Este capítulo da dissertação tem por finalidade apresentar os modos de utilização do livro didático de sociologia pelos professores, por meio da apresentação e análise dos dados obtidos através da realização de dois encontros do grupo focal, aplicação de questionário e observações de campo onde foi possível mapear e contextualizar os sujeitos da pesquisa (três professores de sociologia do Colégio Estadual Olga Benário Prestes) e os usos por eles realizados do livro didático de sociologia.

Como apresentamos no capítulo 2 – *Contextualizando o objeto de pesquisa* – a metodologia de nossa pesquisa consistiu, principalmente, na realização de grupo focal para coleta dos dados referentes ao uso que três professores de sociologia do Colégio Estadual Olga Benário Prestes fazem do livro didático de sociologia. Além da realização dos dois encontros do grupo focal, fizemos também, 18 visitas à escola distribuídas entre 30 de maio e 21 de novembro de 2017.

Compreender a utilização do livro didático de sociologia pelo professor, por meio dos dados obtidos nos encontros do grupo focal e das observações de aula e do cotidiano escolar que realizamos no Olga nos permitiu perceber com mais detalhes a utilização do livro, pois nos foi possível confrontar o que é dito no grupo focal com o que é vivenciado na escola, para assim captarmos possíveis contradições além de reafirmar ou não o que foi dito pelos pesquisados nos encontros do grupo focal.

Com isso, durante os dois primeiros meses em campo, realizamos sete visitas à escola (uma visita semanal) onde acompanhamos e observamos a prática dos professores, com o objetivo principal de entender: (1) Como cada professor se relaciona em sua prática com o livro didático, (2) formularmos as questões a serem debatidas no grupo focal e (3) nos familiarizarmos com os professores investigados para obtermos durante os encontros do grupo focal mais confiabilidade e naturalidade durante as discussões.

De maneira geral, os dois encontros de discussão que realizamos seguiram as orientações metodológicas para utilização desta técnica, mas a adaptamos em alguma medida a nossa realidade. Por exemplo, a técnica do grupo focal prevê a sua realização em um local sem interrupções e com o máximo de silêncio possível, mas por estarmos dentro de uma escola e por termos realizado o primeiro encontro do grupo focal durante

o horário de almoço dos professores, nosso grupo foi interrompido pelo sinal da escola que informava o início do horário de aula dos alunos do turno da tarde e que precisávamos desocupar a sala que estávamos realizando a discussão.

Desse modo, o segundo encontro de discussão foi marcado para o horário noturno pelo fato da escola estar mais tranquila e os professores já liberados de suas respectivas turmas, mas por termos um professor investigado que passou a exercer, durante nossa investigação na escola, a função de diretor, este por algumas vezes precisou se ausentar da sala onde estávamos realizando o grupo focal, mas não percebemos tais aspectos e contratempos, que são inerentes ao ambiente de uma escola, como pontos que prejudicaram a realização do grupo focal. Mas consideramos que tais pontos são relevantes de serem apresentados por entendermos o método de pesquisa não somente como uma técnica, mas como método que se adapta e se recontextualiza ao objeto e à realidade de cada pesquisa.

Mas, seguindo as orientações do método, realizamos o grupo focal com um roteiro de perguntas previamente estabelecido, organizamos os professores investigados em círculo com o intuito de facilitar o diálogo e a comunicação entre eles, gravamos em áudio com o auxílio de um gravador toda a discussão que posteriormente foi transcrita e analisada e contamos com a colaboração de um membro da equipe do LabES, a estudante de graduação do curso de bacharelado em Ciências Sociais do IFCS e bolsista de iniciação científica PIBIC UFRJ, Izabella Carvalho, que participou como relatora nos dois encontros do grupo focal.

A relatoria no grupo focal tem como objetivo observar e anotar o que acontece durante a discussão, pois ao moderador não é aconselhável que escreva durante a discussão para não inibir os entrevistados. Nesse sentido, o relator será o responsável por anotar as possíveis mudanças de comportamentos, opiniões, inquietações e possíveis contradições. À moderação por sua vez, cabe a função de propor a discussão, mediar as falas de maneira que todos os participantes falem e se manter o mais neutro possível sem esboçar qualquer tipo de opinião.

[...] um desafio administrar a situação de tal forma que certas pessoas não monopolizem a discussão, não se sintam intimidadas pelo extrovertimento de outrem nem se mantenham em condição defensiva, conduzindo a reunião para que esta ultrapasse o nível superficial. Deve ter consciência de suas habilidades em dinâmica de grupo e de sua neutralidade em relação aos pontos de vista

apresentados, possibilitando, assim, uma discussão não-tendenciosa. (LOPES et all apud COTRIN, Pág.169.1996)

O grupo focal é uma técnica que possui características singulares, pelo fato de obter os dados através de um processo de interação grupal, onde o moderador além de propor o tema e as questões a serem discutidas, organiza as discussões de um modo onde todos os participantes do grupo podem expressar as suas opiniões. Esta técnica, muita embora seja utilizada por estudiosos da área da educação, é utilizada, principalmente, nas pesquisas de marketing, pois:

As expressões de cada indivíduo que participa da dinâmica sofrem a intervenção dos demais sujeitos, permitindo que a coleta dos dados também apresente modificações enquanto se realiza a atividade. Tal vivência de aproximação faz com que o processo de interação grupal se desenvolva, de modo a favorecer trocas, descobertas e participações comprometidas. As pessoas sentem-se mais à vontade de expressar suas opiniões em grupo do que individualmente, e é exatamente essa interação de processo que o GF tenta captar (LOPES et all apud COTRIN. Pág.169. 1996)

Dessa maneira, cada um dos dois encontros do grupo focal que realizamos organizamos com objetivos específicos e com um roteiro previamente elaborado, a partir das observações vivenciadas na escola e das leituras relacionadas ao livro didático e ensino de sociologia que fizemos. Dito isto, apresentamos a seguir como se deu cada um dos encontros do grupo focal que realizamos, mas vale destacar que os dados e as informações apresentadas em relação aos usos do livro didático de sociologia só serão analisados e problematizados no próximo item deste capítulo.

O primeiro encontro do grupo focal sobre a utilização de livros didáticos de sociologia aconteceu no dia 08 de agosto de 2017, na sala de aula de uma turma de 1º ano, durante o intervalo do almoço que corresponde também ao horário de saída dos alunos do turno da manhã e de entrada do turno da tarde. O encontro contou com a minha participação na posição de moderadora, de Izabella como relatora e dos três professores que investigamos, ou seja, nossa amostra foi homogênea dado que os três lecionam a mesma disciplina e na mesma escola.

Este primeiro encontro de discussão durou 40 minutos e não entrou diretamente no assunto relacionado ao uso do livro didático de sociologia, pois buscamos nesse encontro primeiro perceber as preferências metodológicas dos professores os deixando à vontade para falarem sobre suas práticas e a respeito de diferentes materiais didáticos,

para então, no grupo focal seguinte, investigarmos especificamente os usos do livro didático de sociologia.

Desse modo, o grupo focal teve como objetivo realizar dinâmica sobre estratégias didáticas, para perceber o perfil e as preferências metodológicas dos docentes, de modo a evidenciar o contexto de utilização do livro didático de sociologia. Nessa direção, o grupo focal foi realizado em três momentos:

- 1º momento: Apresentação da pesquisa lembrando aspectos destacados na carta de apresentação e assinatura do termo de cessão de entrevista concedida à pesquisa. A carta entregue aos participantes assim como o termo de cessão de entrevista que eles assinaram encontram-se no apêndice desta dissertação.
- 2º momento: Distribuição das propostas de atividades a serem analisadas individualmente de forma escrita pelos professores.
- 3º momento: Debate sobre as atividades analisadas.

Nessa lógica, o grupo focal teve início às 11h 40min da manhã com a apresentação da pesquisa e os objetivos mais gerais (nesse momento os professores devolveram a segunda via da carta de cessão de entrevista). Foi dito aos participantes que eles poderiam ficar à vontade para colarem suas opiniões e argumentos acerca do assunto, então, foi proposto a eles o seguinte: “Somos uma equipe de professores de sociologia e eu a coordenadora dessa equipe, sendo assim, proponho a vocês atividades diferentes, como por exemplo, música, imagem, charge, peça publicitária e trecho de texto clássico relacionadas a temática da indústria cultural para vocês analisarem, para discutirmos as possibilidades de uso ou não com os alunos de vocês. Para isso, entrego a vocês essas fichas para escreverem as suas impressões, críticas e sugestões.”

Nesse momento, apresentamos aos professores as atividades didáticas que elaboramos sobre a temática da indústria cultural (todas as atividades estão apresentadas no apêndice desta dissertação), demos a eles o tempo de 10 minutos para análise de cada sugestão didática. Pedimos a eles que escrevessem as suas percepções a respeito da atividade que receberam uma ficha de análise (ver apêndice x), com as seguintes perguntas:

Em relação à atividade proposta...

1. Ela está adequada para seus alunos? Por que?
2. A linguagem e a proposta de atividade estão adequadas para seus alunos?
3. Você a utilizaria? Como? Em que momento da aula?
4. Você acrescentaria outro recurso didático, além dessa atividade? Qual?
5. Quais as mudanças você faria ao utilizar essa ferramenta com seus alunos?
6. Ela poderá despertar o interesse de seus alunos?

A partir da entrega da ficha com as perguntas acima apresentadas demos aos professores o tempo de 10 minutos para que conhecessem e respondessem as questões. Com isso, após esse tempo, pedimos para que trocassem as atividades entre si e repetissem a análise, mas dessa vez com outra atividade, de modo que a análise das atividades entre os professores ficou da seguinte maneira:

Professor A	Professor B	Professor C
Peça publicitária	Charge	Música
Texto clássico	Música	Charge

Concluído o tempo destinado à análise das atividades demos mais 5 minutos para que todos pudessem ver as atividades que não analisaram e pedimos para que escolhesse uma para em conjunto debaterem. A atividade que escolheram analisar foi o trecho de texto clássico, ou seja, todos os três professores viram todas as atividades propostas, mas escreverem apenas sobre duas (destacadas no quadro acima) e em conjunto analisaram e debateram sobre o seguinte trecho:

“O que se poderia chamar de valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, ao invés do prazer, o que se busca é assistir e estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor. O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar. (...) Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo. O valor de uso da arte, seu ser, é considerado como um fetiche, e o fetiche, a avaliação social que é erroneamente entendida como hierarquia das obras de arte – torna-se seu único valor de uso, a única qualidade que elas desfrutam. É assim que o caráter mercantil da arte se desfaz ao se realizar completamente. Ela é um gênero de mercadorias, preparadas, computadas, assimiladas à produção industrial, compráveis e fungíveis, mas a arte como um gênero de mercadorias, que vivia de ser vendida e, no entanto, de ser invendível, torna-se algo hipocritamente invendível, tão logo o negócio deixa de ser meramente sua intenção e passa a ser seu único princípio.” (ADORNO e HORKHEIMER. pág.148. 1944)

Dessa maneira, a partir da discussão que foi travada entre eles, com base nas propostas didáticas que apresentamos sobre indústria cultural, nos chamou atenção os seguintes pontos: (1) Ênfase na utilização de imagens para apresentação do conteúdo aos alunos, (2) Ênfase na utilização de atividades lúdicas para ensinar ciências sociais aos alunos como um modo de se aproximar da realidade do aluno e por conta da dificuldade que os alunos apresentam nas atividades que demandam leitura, (3)

Dificuldade dos alunos na compreensão de textos clássicos e do livro didático ainda que este seja uma ferramenta que foi elaborada e recontextualizada para esse público escolar, (4) A Interdisciplinaridade da sociologia com outras disciplinas, como por exemplo, filosofia e história foi um ponto também ressaltado e debatido, pelos professores no primeiro encontro do grupo focal.

A questão das imagens é um ponto forte quando o assunto é ensinar sociologia aos estudantes, pois segundo os professores que pesquisamos os livros mais recentes apresentam uma relação com a linguagem que os mais antigos não tinham. Segundo eles, isso se dá, pois, os livros atuais mesclam textos e imagem, sendo tal aspecto um dos motivos principais que levou a esta equipe a adotar o *Sociologia Hoje*, visto que este livro além de apresentar muitas imagens e grafites, também, é muito colorido, o que atrai os alunos, como podemos observar no relato dos professores:

[...] eu já estou formada já tem um tempinho (risos). Então, a própria graduação é um pouco isso né...um certo blábláblá e eles são de uma outra geração, uma geração de imagem né...então assim, muitas vezes você está falando, mas ele não consegue porque tudo para eles é imagem, é tudo muito rápido...então, qualquer coisa que traga isso (refere-se ao conteúdo das ciências sociais) para eles eu acho que é interessante, mesmo que seja uma letra de música, mas ao invés de ser só a música tocando, o kara pode ir lá ver a letra, mas é claro que só a música tocando já é um diferencial porque ai chama a atenção deles. (Fala do Professor B).

Ademais, eles concordam que a imagem dá uma linguagem muito mais direcionada ou uma linha um pouco mais acessível. Tal aspecto nos remete ao conceito de código desenvolvido por Basil Bernstein:

que pode ser encarado como um esforço para escrever o que, talvez, se possa chamar de gramáticas pedagógicas de habitus especializadas e as formas de transmissão que buscam regular sua aquisição. (BERNSTEIN. Pág. 14. 1996)

Ou seja, código para Bernstein pode ser entendido como o modo pelo qual uma determinada classe social irá apreender certa gramática social e as características de cada classe. Nesse sentido, o autor definiu a existência do código restrito e elaborado. O código restrito se define pela:

rigidez da sintaxe e pelo uso restrito das possibilidades formais de organização verbal. É uma forma de linguagem oral relativamente condensada, na qual determinados significados são restritos e a possibilidade de elaboração é reduzida. (BERNSTEIN. Pág. 137 .1996.)

Já o código elaborado é aquele no qual:

“as possibilidades formais e a sintaxe são muito menos previsíveis e as possibilidades formais de organização da sentença são usadas para esclarecer o significado e torná-lo explícito” (BERNSTEIN. Pág. 138. 1996.)

Ou seja, o código restrito se refere ao tipo de linguagem, por exemplo, que é menos formal no que diz respeito as estruturas gramaticais, sendo constituída por assim dizer por sentenças curtas e específicas de determinados contextos Já o código elaborado, por sua vez, gramaticalmente e formalmente ele é mais sofisticado, apresentando assim características gramaticais mais complexas, sendo por conta desses atributos o tipo de código que a escola e conseqüentemente a sociedade e as classes dominantes valorizam.

Dessa maneira, quando o professor diz que os seus estudantes apresentam grande dificuldade para compreensão de textos clássicos e de leitura do livro didático, acreditamos que isso se dê por conta de diferenças sociais e das dificuldades de aprendizagem desses estudantes. Tais dificuldades tem a ver com a desigualdade social que leva a muitos alunos a evadirem da escola ou a não frequentarem por conta do trabalho ou da violência e, por conta da aprovação automática, onde muitas vezes, o aluno é aprovado para serie seguinte mais apresenta dificuldades de leitura e de escrita.

Tais dificuldades acabam se notando na fala dos professores que destacam a dificuldade dos estudantes para a leitura e compreensão do livro didático e a necessidade de utilização de imagens para que o estudante compreenda seja uma teoria ou um conceito das ciências sociais, como veremos no trecho do grupo focal destacada a seguir:

Professor A: Te entendo...te entendo...só acho que tem certas coisas que são mais palatáveis, por exemplo esse texto aqui (Refere-se e segura o trecho clássico) ele é intragável...para gente é intragável...daí você vai passando o olho nos conceitos e vai lembrando de autores e vai né...conseguindo, mas é uma linguagem muito truncada. A imagem ela dá uma linguagem muito mais direcionada ou uma linha um pouco mais acessível...eu acho que no que a gente poderia dizer um perfil deles, é um perfil de idade, de escolha que eles têm...

Professor C: Professor B falou disso agora.

Professor B: É

Professor A: Na idade deles, eu acho que a coisa é mais linear do que rompido, algo assim, com muito rompimento eu sinto que eles têm dificuldades. Por mais que as imagens não sejam muito rompidas. Por exemplo, eles precisam de algo linear...então, chegar, por exemplo, com um texto desses (refere-se e segura o texto clássico em mãos) que não é nada linear, dificulta é bem difícil, então, trabalhar as imagens, a charge fica mais fácil. Então, quando eu peço para eles fazerem um vídeo, uma peça de teatro...eles se amarram (ênfase no tom de voz)!

Tais: E essa atividade que você analisou que é a proposta de uma propaganda e a crítica...o que você achou, professor A?

Professor A: Eu acho muito adequada. A proposta é muito legal! Essa coisa deles produzirem o trabalho final não em texto, mas em uma imagem ou uma propaganda, eles se amarram nisso. Eles adoram serem os protagonistas da coisa. Esse tipo de atividade eu uso de outras formas...ou o teatro ou quando eu trabalho o conceito de indústria cultural, eu faço um jornalzinho com eles, mas no jornalzinho eles têm que divulgar as músicas que eles gostam e depois pesquisar no rádio, na internet, coisa e tal, quais são as músicas oferecidas...ai eles percebem, muitas vezes, que o que eles gostam é o que é oferecido e daí agente discuti como é construída esse seu gosto pela indústria cultural. Assim, eu acho atividades assim muito mais interessantes.

Tais: Mas e em relação ao texto clássico, o que você diria? (A pergunta se dá, pois ele analisou individualmente e preencheu a ficha do texto clássico)

Professor A: O texto é lido junto, mas assim, para uma atividade é complicado

Professor B: Eu ia falar, que normalmente, quando eu leio com eles um trecho de texto clássico, depois que eu apresento para eles, ai eu falo, agora gente “coloca para língua portuguesa”.

Professor A: risos

Professor B: Mas assim, vendo frase por frase, para ver qual o entendimento, o que eles entenderam e aí sim...não sozinho.

Tais: Eliene, mas já que você comentou sobre o trecho clássico, como você o traria, por exemplo esse trecho que você disse que apresentaria e depois faria essa tradução?

Professor B: Isso, apresentaria, mas faria a tradução.

Tais: Entendi. Mas como você apresentaria um trecho clássico aos seus alunos?

Professor B: Aí eu já não sei porque é grande não...não daria nem para escrever no quadro, teria que trazer copias para eles, para ler juntos.

Professor A: Eu traria com imagens também. Isso é uma atividade que a gente acaba fazendo quando utiliza data show que é vir com o conceito e depois com uma imagem, ilustrando um pouco.

Desse modo, ao relacionarmos o trecho do grupo focal com a teoria de Bernstein, levantamos a hipótese de que as necessidades que foram citadas pelos professores dizem respeito justamente ao conceito de código restrito, que no caso de nosso estudo, os alunos dos professores que investigamos tem o domínio do código restrito, por conta das especificidades de classe e realidade que destacamos anteriormente.

Nessa direção, podemos dialogar o ponto destacado acima com outros dois pontos que os professores destacaram no encontro do grupo focal que diz respeito à ênfase na utilização de atividades lúdicas para ensinar ciências sociais aos alunos como um modo de se aproximar da realidade do aluno e por conta da dificuldade que os alunos apresentam nas atividades que demandam leitura, principalmente, na compreensão de textos clássicos e do livro didático, ainda que este seja uma ferramenta que foi elaborada e recontextualizada para esse público escolar, como destacamos em dois trechos retirados da transcrição do grupo focal que em seguida serão problematizados.

Tais: Entendi, e professores A e B, quais as propostas didáticas vocês costumam utilizar no programa de sociologia de vocês, para apresentar as Ciências Sociais aos alunos de vocês?

Professor B: O que eu gosto de fazer é fazer com que eles consigam aplicar o que está sendo trabalhado a realidade em que eles vivem, então assim esse ano pelo menos com o primeiro ano, eu consegui isso. Trabalhei com eles a ideia de imaginação sociológica e aí eles tinham que fazer esse exercício com alguma coisa. Então eu dei os temas e eles faziam o exercício, e é claro que sempre com a orientação. Com o segundo eu fiz com o conceito de ação social e depois eles tiveram que aplicar esse conceito a realidade. Até porque para que eles façam essa aproximação com a realidade se não fica algo muito distante...estudar o conceito. Essa preocupação eu tenho desde a época do estágio, pois mesmo na época de minha formação, os professores tinham muito essa preocupação e isso também ficou para mim, por que é assim, senão você trabalha o conceito e na semana seguinte eles não conseguem mais fazer uma correlação, aí eles não se apropriam.

Professor A: Eu uso algumas técnicas do teatro do oprimido, a gente faz geralmente no pátio, a gente faz umas coisas assim, imagens. No terceiro ano eu utilizo também umas simulações, de plenário, mas em torno do legislativo é e daí esse ano eu até consegui participar de uma missão pedagógica, no Parlamento e eu trouxe mais ideias de lá. Mas eu não consigo criar ideias, eu faço assim, eu tiro uma coisa de um lugar, de outro, por exemplo, daqui (segurou as atividades), eu já tirei ideias aí depois eu modifico. Eu fiz teatro por muito tempo, então, eu pego coisas do teatro.

Já em relação a dificuldade que os professores ressaltaram que os alunos apresentam para compreensão de textos clássicos:

Professor C: É só o texto clássico não seria possível porque eles não estão acostumados com essa linguagem

Professor B: Eu fiquei pensando e até escrevi isso (refere-se as fichas individuais de análise das atividades), a música dá para trabalhar com

estrofe, dá uma estrofe para cada grupo, aí eles analisam, podem apresentar e conversar e assim, interpretar de diferentes maneiras. A proposta da propaganda dá para eles fazerem em grupo e assim produzirem um vídeo, um cartaz, por que o ideal seria também trabalhar com a ideia da produção.... quem fará o que? Quem irá captar a imagem, quem vai escrever né e aqui (segurou a folha da atividade com a Charge) daria para trabalhar de diferentes maneiras, com a turma toda, em grupo ou em dupla.

Tais: E quais as dificuldades...não necessariamente uma dificuldade, mas o que vocês acham que não funcionaria? Vocês citaram o texto clássico, mas porque vocês acham que é a falta de acesso deles a este tipo de linguagem? O que vocês acham?

Silêncio

Tais: O que vocês acham?

Professor A: Eu acho que tem a ver com a maturidade.

Professor C: Eu acho que essa imaturidade poderíamos resumir como um certo, ou melhor, uma certa reticência com relação à leitura, ou seja, há dificuldade com atividades que envolvam a leitura. (áudio ruim) O texto clássico envolve a leitura e o entendimento e por isso, acaba sendo uma atividade mais conservadora, nesse sentido, já essas outras apresentam tudo isso que estamos falando a adequação, relacionar com uma imagem, trabalhar, buscar imagem, utilização de recursos, eu imaginaria que seria um pouco ultrapassado, porque teríamos que adequar a esse perfil que vê e utiliza imagem o tempo todo.

Áudio ruim.

Professor C: Eu acho que eles precisam de outros recursos para a aprendizagem.

Professor A: Essa dificuldade em relação ao texto clássico esta relacionada a própria bagagem deles, dificuldade de lerem isso aqui (segurou em mãos e mostrou o texto clássico).

Tais: Esse trecho foi diretamente retirado da obra do autor.

Professor A: É não tem um filtro.

Tais: Sim, a mediação são vocês que irão fazer.

Nesse momento, o grupo focal ficou mais corrido, pois os alunos do turno da tarde estavam na porta da sala aguardando nossa saída. O barulho no ambiente estava intenso e alto.

Professor A: Sim, por mais que a gente trabalhe o conceito, valor de roca, valor de uso.... esses conceitos são muito complexos então, falta bagagem mesmo, então eu acho que esse texto não é bom para eles.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que ficar muito preso somente a realidade do aluno, a atividades que eles conhecem e apresentam facilidade pode ser um problema. Não estamos aqui criticando ou colocando esses aspectos como pontos

negativo, uma vez que desenvolver a imaginação sociológica e ensinar que os alunos usem a sociologia como uma ferramenta em seu dia a dia acaba por ser um consenso no campo, assim como também, a concepção que cabe a sociologia a capacidade de desenvolver nos alunos o estranhamento e a desnaturalização, como apresenta Orientações Curriculares Nacionais de Sociologia.

No entanto, entendemos que ficar restrito a realidade do aluno pode acabar por reforçar as desigualdades sociais, já que o aluno estará de acordo com a teoria de Bernstein desenvolvendo e utilizando apenas o código restrito. Ou seja, o aluno estará preso somente ao seu próprio contexto, não tendo dessa maneira a possibilidade de apreender o código elaborado da sociedade que faz parte. Nas palavras de MOREIRA (2007):

Concordando com essa perspectiva, argumento que se pode favorecê-la, no currículo, evitando-se a formação de guetos, evitando-se ficar restrito aos artefatos culturais familiares ao aluno, evitando-se passar da essencialização de padrões hegemônicos para a celebração de padrões minoritários. Para se garantir ao aluno o direito de escolher sua identidade, faz-se necessário impedir que o Estado ou a “tribo” acabe por dele retirar tanto essa liberdade de escolha quanto essa responsabilidade. Para isso, contudo, há que se criar oportunidades de acesso às ciências, às artes, a novos saberes, a novas linguagens, a novas interações, a outras lógicas, à capacidade de buscar conhecimentos, ao aprofundamento, à sistematização e ao rigor. Há que se considerar o aluno em suas diferentes dimensões sem que, no entanto, se coloquem em plano secundário o intelecto e a aprendizagem. (MOREIRA. Pág. 288. 2007)

Além dos pontos acima ressaltados, pelos professores, a questão da interdisciplinaridade da sociologia com outras disciplinas, como por exemplo, filosofia e história foi um ponto também debatido, no primeiro encontro do grupo focal, como podemos observar no trecho abaixo:

Professor B: Uma outra coisa que ajuda também é, a gente que já tem um tempinho de experiência. Todo mundo aqui já tem um tempo de experiência, a gente já sabe o que os outros colegas estão trabalhando, o que já trabalharam, então aí, em filosofia, história, eu resgato isso. Então, eu estava falando da justificativa para escravidão. Aí eles disseram que o outro professor falou ai eu falai “a, beleza, e o que ele falou?” isso já promove uma troca, ou essa parte da indústria cultural já é mais fácil da gente trazer situações que estão acontecendo porque ai ele se interessa, participam, percebem o que está acontecendo, né. Isso também eles gostam, principalmente a terceira série, porque o primeiro ano eles ainda estão meio tímidos e a terceira gosta de se colocar, fazer essas correlações, perguntar.

Professor A: A isso eu gosto de fazer também, relacionar com outras áreas, outras disciplinas.

Tais: Seria um pouco de interdisciplinaridade?

Professor B: Sim.

Professor A: Um pouco né. O legal seria se a gente conseguisse em uma aula ter os professores cruzando as ideias aqui. Eu gostaria de me comunicar, falar com o pessoal de filosofia, história, saber o que está tratando o professor de ...eu fiz isso com o professor de produção textual, o João (nome fictício).

Professor B: É porque aí a gente, assim, não fica para eles só que é um conhecimento da sociologia, da história, mas sim, como conhecimento que você vai acionar em diferentes momentos e aí eu acho que até a própria escola começa a fazer mais sentido a disciplina faz mais sentido também.

Em relação a interdisciplinaridade e o diálogo que possa se estabelecer da sociologia com outras disciplinas escolares, as Orientações Curriculares Nacionais afirmam que:

Como parte do currículo, a Sociologia pode ocupar um papel importante de interlocução com as outras disciplinas ou com o próprio currículo como um todo, senão com a própria instituição escolar. (Orientações Curriculares Nacionais. Pág. 111. 2006)

No entanto, os professores apresentaram que não conseguem trabalhar em conjunto com professores de outras disciplinas alguns temas ou conceitos que sejam comuns tanto da sociologia, como da história ou filosofia, mas que fazem esse diálogo a partir do que os próprios alunos apresentam na aula. Nesse caso, poderíamos dizer que no momento que os alunos identificam que há um conteúdo que está sendo dado pelo professor de sociologia que também foi trabalhado, pelo professor de história, por exemplo, que as fronteiras disciplinares se desfazem e o enquadramento se enfraquece.

Isto pois, o que é conteúdo da sociologia ou da história se mescla no momento que o aluno entende que aquele é um conteúdo comum as duas disciplinas, o que enfraquece o enquadramento e a classificação, já que para BERNSTEIN:

Se forem fortemente classificadas, então as relações serão estáveis e claramente distintas, as funções serão bem isoladas umas das outras e os agentes não serão intercambiáveis. Se forem fracamente classificadas, então as relações entre os agentes serão menos claramente distintas, existirá um isolamento reduzido entre as funções e os agentes serão mais intercambiáveis entre as categorias. Da mesma forma, podemos considerar o enquadramento do modo de produção. (BERNSTEIN. Pág. 76. 1996.)

No caso da sociologia, partindo da perspectiva das Orientações Curriculares Nacionais, guia do Programa Nacional do Livro Didático e edital de seleção do vestibular

da UERJ 2018, por exemplo, percebemos que a questão da interdisciplinaridade é algo indicado de ser trabalhado pelos professores. No caso do edital de vestibular da UERJ 2018, que utilizaremos para problematizar o enquadramento e a classificação da sociologia, o documento indica o seguinte:

A área de “Ciências Humanas” inclui os conteúdos das disciplinas de Geografia, História, Sociologia e Filosofia, dialogando com as demais áreas das Ciências Sociais. Aplica-se a perspectiva interdisciplinar na identificação e análise dos fenômenos sociais, por meio da articulação entre experiências históricas, conceitos e dinâmicas culturais de forma contextualizada. A abordagem ancora-se em três eixos e busca integrar o contexto brasileiro ao mundial, respeitando as particularidades locais e regionais e privilegiando processos sócio-históricos situados entre meados do século XVIII e a atualidade. A partir da utilização de diferentes fontes teóricas e de registros e documentos variados, procura-se avaliar o domínio dos conhecimentos exigidos, em articulação com as diversas temporalidades e dimensões dos fenômenos sociais. (UERJ, Manual do candidato, pág.3. 2018)

No entanto, segundo o que é apresentado pelos professores que investigamos, na prática esse trabalho interdisciplinar acaba não podendo ser feito como gostariam, mas a partir dos comentários que os alunos fazem durante as aulas os professores trabalham na medida do possível a interdisciplinaridade da sociologia com outras disciplinas. Mas o que nos chama atenção é que enquanto os documentos preveem a interdisciplinaridade, diálogo entre as disciplinas e, com isso, a dissolução das fronteiras disciplinares, na prática percebemos justamente o contrário.

Isso se dá, pois, na escola o enquadramento entre as disciplinas é forte, por conta das fronteiras disciplinares que são bem demarcadas, seja por meio dos tempos de aula estipulados para cada disciplina, das avaliações, e até mesmo por conta dos livros e materiais didáticos de cada disciplina.

Sendo assim, feita as apresentações e considerações a respeito do primeiro encontro do grupo focal, nos próximos parágrafos faremos o mesmo em relação ao segundo grupo de discussão.

O segundo encontro do grupo focal sobre a utilização de livros didáticos de sociologia foi intitulado por nós de *Livro didático: usos, escolhas e motivações* e aconteceu no dia 31 de outubro de 2017, na sala de idiomas do colégio Olga, com a minha participação enquanto mediadora, com a colaboração de Izabella Carvalho como relatora e com os mesmos três professores que observamos as aulas e que participaram do primeiro grupo.

A diferença deste grupo se deu, pois desta vez, um dos três professores que investigamos, ao longo da pesquisa, foi afastado de sala de aula no início do mês de outubro para poder exercer a função de diretor adjunto da escola. Mas, mesmo com essa sua nova função, o professor concordou e quis participar do segundo encontro do grupo focal e não percebemos que a sua presença como professor de sociologia, mas também, naquele momento como diretor de escola tenha interferido nos dados coletados.

Esse segundo grupo buscou alcançar os seguintes objetivos: (1) Identificar os recursos e materiais didáticos que os professores recorrem para preparação de suas aulas e (2) discutir o uso do livro didático de sociologia para triangular com o que está sendo observado no campo.

Nessa direção, elaboramos um conjunto de perguntas a serem debatidas pelos professores que nos possibilitasse alcançar os objetivos por nos traçados, no entanto, a discussão acabou sendo tão produtiva que além dos pontos por nos colados, os professores acabaram por discutir também, como se deu o processo de escolha dos livros adotados nas versões do Programa Nacional do Livro Didático de 2015 e 2018 e destacaram quais características dos livros levaram em consideração no momento da escolha. O roteiro de perguntas elaborado assim como o objetivo que pretendíamos alcançar com cada pergunta encontra-se disponível para consulta no apêndice x desta dissertação.

Esse grupo de discussão durou 01 hora e 36 minutos e antes do início do grupo focal foi realizado um lanche para os professores, não só para deixá-los mais à vontade e descontraídos, mas também, pois nesse dia todos os três professores estavam trabalhando na escola desde às 7:00 horas da manhã.

Em relação às atitudes e comportamento dos professores, tivemos a impressão que eles estavam mais a vontade e confiante para falarem sobre suas práticas pedagógicas. Pensamos que isso se deva ao fato de termos acompanhado as aulas dos três professores e por termos participado de algumas atividades da escola, tais como dinâmicas realizadas com os alunos, apresentações de trabalho e acompanhamento da rotina dos professores na escola. Acreditamos que esta vivência na escola contribuiu de modo positivo para com a realização do grupo focal.

A seguir, apresentamos duas fotografias que ilustram o local e como o grupo focal foi organizado:



Foto 6: Entrada da sala de idiomas, onde realizamos o segundo encontro do grupo focal.
Foto de: Tais Santana.



Foto 7: Sala de idiomas organizada para a realização do segundo encontro do grupo focal.
Foto de: Tais Santana.

Neste encontro, dedicamos as discussões às concepções e formas de utilização dos livros didáticos de sociologia pelos professores entrando a fundo nessa temática, ao

contrário do primeiro grupo, que buscou mapear as diferentes ferramentas utilizadas pelos professores e o contexto que o livro didático está inserido.

De modo geral, percebemos o livro didático como meio para formação do professor que às vezes está há um tempo afastado da teoria, importância de se usar o livro didático na sala de aula como um modo para que o aluno perceba que os professores não são os detentores de todo o conhecimento e que os conteúdos que estão sendo estudados foram elaborados por diversos autores e que a sociologia é uma ciência.

A discussão foi aberta com o seguinte questionamento: Como vocês descrevem o uso que vocês fazem do livro didático e como é esse uso? A partir desta pergunta demos início ao segundo encontro do grupo focal.

De modo geral, destacamos os seguintes pontos colocados pelos professores a respeito da utilização do livro didático de sociologia: (1) “Guia”/“Bússola” para definição do que será trabalhado nas temáticas das ciências sociais e para a preparação das aulas, (2) Livro didático como instrumento para formação do professor e fonte para aprender e relembrar teorias e conceitos, (3) Comprovação de que a sociologia é uma ciência e não senso comum e (4) Utilização e as vezes fuga do livro didático por conta da linguagem que em alguns momentos é entendida como difícil e distante dos alunos e em outros momentos como um discurso que se aproxima dos alunos por conta das imagens.

A partir da pergunta inicialmente colocada, percebemos após a transcrição e análise do grupo focal que o primeiro aspecto ressaltado pelos professores diz respeito a utilização do livro didático como currículo. Isto se dá, pois argumentaram que utilizam o livro como uma ferramenta didática para preparação de aula fazendo até mesmo a abordagem do tema tal como apresentado no livro didático.

Sobre esse aspecto de entendermos o livro didático como currículo, percebemos primeiro o livro didático sendo utilizado como uma espécie de um “guia” ou uma “bússola” para professor preparar o que irá trabalhar em sala dentro de cada tema das Ciências Sociais. Em síntese, seria o que chamamos o recorte temático, por isso, utilizamos os termos “guia” e “bússola”, pois entendemos que nesse caso o livro é utilizado justamente como um instrumento que dará o direcionamento do trabalho, como podemos observar no trecho abaixo:

Professor C: O livro didático eu encaro como uma ferramenta metodológica, um recurso. É isso que eu vejo. Tanto quanto as aulas expositivas, atividade audiovisual, como fiz hoje, é um recurso também.

Taís: Mas como você usa?

Professor C: Eu uso como uma ferramenta de conteúdo. Se determinado conteúdo constar no livro, eu vou fazer a abordagem. Inclusive, ele vai ser usado como conteúdo para estudo, para leitura. Também uso muito para leitura.

Taís: Em sala?

Professor C: Sim. Usei em sala, mas a questão é o seguinte, é complicado, porque não sei se a gente falou da outra vez, temos problema que muito conteúdo não consta no livro didático. Por exemplo, esse último agora não tem conteúdo sobre violência simbólica que é um tema que eu gosto de tratar, gosto de falar.

Taís: E não tem no livro.

Professor C: Não necessariamente o tema. O conceito sobre violência tem, mas não sobre a violência simbólica que é um conceito que eu acho muito interessante para poder explicar muita coisa com relação à violência que visivelmente eles não conseguem compreender. Violência associada a discriminação, de gênero, classe raça. Isso (inint) [00:03:13] escolar. Então acho que ainda não encontrei. Quando a gente faz um estudo lá, olha o livro e vê quando ele vai poder ser utilizado.

Taís: Mas quando ele vai poder ser utilizado? É no sentido de utilizar para os alunos lerem, para acompanharem, como esse uso é feito?

Professor B: Eu tenho muita dificuldade de usar esse livro que a gente escolheu. Por conta dessa questão mesmo, muitos conteúdos não são abordados nele. A gente uma outra questão que é a falta de hábito dos alunos trazerem o livro para a escola, mesmo quando é pedido, isso é um tormento. Eu vejo pela própria experiência dos demais colegas que fica um troca troca de gente procurando livro pela escola inteira, pegando livro emprestado, porque muitas vezes eles não pegam os livros didáticos no início do ano e não os tem para fazer as atividades quando é necessário.

Taís: Mas por que eles não pegam? A escola não distribuiu?

Professor B: Não, a escola distribuiu, eles que muitas vezes não querem pegar os livros por conta do peso. Uma questão cultural mesmo. Então temos essa característica que é a mesma do adolescente, vou falar isso porque tenho um adolescente em casa. Tem todos os livros em casa, às vezes deixa de levar para a escola. Muitas vezes eu uso livro, aí uso os diferentes livros que foram publicados de sociologia para ensino médio para formatar o conteúdo que vou dar em sala ou para formatar o conteúdo que eu vou fazer a atividade. Não necessariamente usando com eles em sala, principalmente aqui. Na outra escola eu tenho um outro recurso porque lá os livros ficam disponíveis na sala, a gente pega o livro, usa e devolve, não temos essa questão deles não trazerem o livro. E é uma outra prática um pouco diferente, eu consigo usar o livro como ferramenta, para estudo dirigido, para fazer uma atividade, para conteúdo mesmo. Aqui não. Aqui essa prática é um pouco mais complicada. Com essa mudança, que fizemos uma outra escolha, talvez esse conteúdo fique

um pouco mais adequado, não sei se vai ser o caso. Mas assim, não tem livro didático perfeito, por isso que a gente sempre fica complementando.

Taís: Entendi, complementa em relação a temas, a conteúdos, é isso?

Professor B: Isso.

Taís: E no caso você usa mais para preparar aula do que em sala é isso?

Professor B: Isso.

Professor A: Eu uso para preparar aula também...

A partir do trecho acima percebemos alguns pontos nas falas dos professores ainda relacionada a concepção de utilização do livro didático como currículo que diz respeito ao fato do livro didático não apresentar determinados temas ou conteúdos que os professores gostariam de trabalhar com seus alunos e o fato de muitos alunos não terem o livro didático durante as aulas o que compromete a execução de algumas atividades.

A respeito da falta de determinado conteúdo ou conceito não constar no livro didático acreditamos que isso tenha a ver com uma questão de recorte temático, pois senão o livro didático não teria fim, e por conta do próprio currículo escolar que ao incluir determinados temas deixa outros de fora. Tal aspecto nos remete a teoria de Ivor Goodson, que a partir de uma concepção crítica inspirada na Nova Sociologia da Educação, concebe o currículo como sendo um artefato social e histórico construído a partir de um lento processo de fabricação social no qual estiveram presentes conflitos, rupturas e ambiguidades.

Isto, pois ao desenvolver um estudo histórico sobre a constituição histórica das disciplinas, Goodson chega à conclusão de que estas são formadas por múltiplos elementos e subgrupos, ou seja, são amálgamas mutáveis (GOODSON,1995). Nessa direção, Goodson apresenta que o currículo se constitui em meio a disputas e é formado não somente por conhecimentos válidos, mas também, por conhecimentos considerados socialmente válidos. Por este motivo, o currículo não pode ser considerado como uma construção natural ou resultado de um processo evolutivo, mas sim como uma construção social construído em meio à inúmeras disputas. Nas palavras do autor:

“uma história do currículo não deve estar focalizada apenas no currículo em si, mas também no currículo enquanto fator de produção de sujeitos dotados de classe, raça, gênero. Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou o reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas” (GOODSON. Pág. 10. 1995)

Nesse sentido, entendemos que o livro didático acaba por refletir essas disputas. Mas, entendemos que é a partir do momento que os professores identificam, por exemplo, a ausência de determinado tema ou conceito no livro didático que tem início o processo de recontextualização. Isto, pois o professor organizará de um novo modo o texto apresentado no livro didático de acordo com o seu planejamento, sua prática e contexto de trabalho, tal como vemos na fala a seguir em que o professor utilizou a sugestão do livro didático para promoção de um debate durante a aula:

Professor B: Às vezes quando a gente recorre a essas outras fontes eles ficam mais animados do que quando a gente usa o livro ou quando a gente usa o quadro. Eu fiquei lembrando de um debate que eu fiz com o pessoal do terceiro ano, fiz só no primeiro bimestre, que foi até uma ideia que eu estava nos livros de apropriação cultural. E aí assim, fazia parte da temática, que a gente estava falando de cultura de massa, indústria cultura. E assim, era uma coisa que não envolvia nenhum uso de mídia, eles precisavam pesquisar e ter argumentos sobre. Eles debatiam, eu estava ali mediando e eles ficaram super animado se enriqueceu. Foi para além do conteúdo que estava no livro. Não necessariamente precisa ser uma coisa audiovisual. Deixa sair do lugar comum. Se você faz uma outra coisa que não seja o que eles estão... então assim, para mim tem esses dois momentos, vai suprir a carência que estava faltando no livro e vai trazer uma outra questão que às vezes o livro não aborda.

Por outro lado, já em relação ao fato de muitos alunos não terem o livro didático no momento que a atividade é explicada pelo professor, buscamos investigar além das falas e a partir das observações na escola o porquê disso. Então, percebemos que os alunos de fato, como dito pelos professores, recebem os livros, mas muitos alunos dizem que não levam para escola por conta do peso dos outros livros e cadernos. Nesse caso, cabe a seguinte problematização: se a mochila ficará pesada significa que levam outros materiais, mas porque justamente o livro de sociologia fica de fora?

Levantamos a hipótese que isso, talvez, esteja relacionado à própria maneira que os professores de sociologia utilizam o livro didático na sala de aula, pois como os professores disseram no grupo focal, eles já estão mais acostumados e mais tempo lecionando sem livro didático do que com o livro didático¹⁶, como podemos observar no diálogo a seguir:

Professor C: Eu diria que não. Pelo menos esse é meu caso. O uso sempre atendeu essas minhas dificuldades da escola. Eu aviso quando for usar livro em sala. Na semana anterior: “na semana que vem eu quero que vocês tragam o livro”, eles não trazem. Cheguei ao cúmulo de “vou

¹⁶ Isso se dá, pois, a sociologia só foi inserida no Programa Nacional do Livro Didático apenas em 2012.

anotar aqui quem trouxe e quem não trouxe e isso vai valer alguma pontuação”. Tem gente realmente que não traz. Mas eu acho que assim, desde 2012 quando começou a carreira docente. Brincadeira. É uma ferramenta eu sempre usei dessa forma, buscando conteúdo, linguagem, adequar linguagem, incluir eles na atividade de leitura do conteúdo de sociologia, buscando fazer com que eles tivessem também uma... quando passasse uma leitura prévia, tivesse que encarar isso como uma coisa importante. Nunca tive nenhuma outra relação diferente com o livro.

Taís: Entendi. E Professor B?

Professor B: Não sei, estava pensando aqui que tenho mais tempo sem livro didático do que com o livro didático.

Taís: Entendi. Mas pode pensar também sem PNLD.

Professor B: Engraçado isso, porque eu nunca tinha parado para pensar sobre isso. Acho que daí vem essa dificuldade. Eu estava até percebendo isso, o uso como não só os colegas de disciplinas, mas colegas de outras disciplinas. Eu tenho muita afinidade com a professora de filosofia que trabalha com as mesmas turmas que eu. E eu vejo que ela usa muito mais o livro do que eu. Eu já tentei conversar com ela para tentar trocar um pouco, entender como ela faz esse uso. Porque nesses 12 anos de sala de aula, eu estava fazendo as contas, eu tenho mais tempo sem livro didático do que com livro didático. Então eu acho que me acostumei a não ter sempre esse recurso, a buscar outras coisas. Trazer a folha, montar apostilha, fazer outras coisas. Eu acho que estou aprendendo ainda a usar o livro com eles como ferramenta.

Taís: Mas e para você? Sem ser em relação dentro de sala de aula.

Professor B: Para mim eu sempre usei. Antes de ter o PNLD eu ficava fuçando qualquer livro, mesmo para ensino superior, ensino médio, livros diversos, estudos da área de sociologia, para tentar ir buscando essas fontes de conhecimento para as aulas.

Taís: Mas você acha que você usava mais livro didático antes ou hoje? Pensando na sala de aula é menos, com certeza, porque não tinha. E para você? Você usava mais ou menos o livro?

Professor B: Acho que usava mais ou menos da mesma maneira. A gente sempre acaba precisando voltar e repensar algumas coisas. Às vezes a gente fica um tempo sem dar aula para determinada série e você dá uma destreinada em determinados assuntos. Então não tem como, a gente acaba sempre voltando.

Dessa maneira, levantamos a hipótese de que pelo fato do livro didático está presente na sala de aula, mas se relacionando mais com os professores do que com os alunos, esta ferramenta acaba assumindo para o aluno um papel mais secundário. No entanto, ao assistirmos as aulas identificamos nos conteúdos colocados no quadro, nas atividades e nos exemplos dados pelos professores durante a exposição do conteúdo a presença do livro didático de sociologia.

Com isso, entramos então, no segundo ponto destacados pelos docentes pesquisados que diz respeito a utilização do livro didático como um instrumento para formação do professor a partir do momento que ele utiliza para relembrar conceitos e teorias que há muito tempo não ler sobre, como apresenta a fala do professor B no trecho a seguir:

Professor A: Eu tinha lido por conta própria, mas nunca dei aula com ele. Eu pegava, descia em um auditório cheio de livro na outra escola, pegava um monte de livro, distribuía para galerinha e vamos fazer alguma coisa. Porque eu entrei no quarto bimestre com as turmas sem aula durante o ano inteiro e tinha que dar conta de aula. O meu fazer professor foi junto com o meu conhecer o livro didático, então mudou muito. Tanto as minhas aulas, meu estar na escola, como a utilização do livro didático. Mas é interessante que desde do início ele está presente, por inexperiência, primeiro, e depois por começar a gostar de usar...

A fala acima nos chama atenção, pois o professor coloca que sempre usou o livro didático, no início por inexperiência e depois por gostar de usar o livro. A partir disso, podemos levantar a hipótese que o livro didático pode ser recontextualizado pelo professor, principalmente, para aqueles que estão iniciando na carreira docente como um “guia” para o trabalho em sala de aula, por conta da linguagem didática e por meio das sugestões indicadas pelos autores dos livros didáticos no manual do professor.

Em relação as contribuições para com a formação do professor eles afirmam que:

Professor A: [...] Mas é a forma que eu uso. Para eu estudar uso bastante, porque é meio que um resumo do que estudamos.

Taís: Mas para esse resumo, para relembrar esse conteúdo, para vocês estudarem, vocês usam um livro só ou usam vários livros didáticos?

Professor B: Eu uso um monte.

Professor A: Eu uso um monte também.

Professor C: Todos do PNLD.

Taís: É isso que eu ia perguntar para vocês. Quais são os livros didáticos que vocês conhecem ou que vocês têm além desse livro Sociologia Hoje? Quais são os outros livros que vocês usam para formação de vocês? Podem colocar livros didáticos e outros que não sejam didáticos.

Professor B: Você pode colocar na lista todos os disponíveis da lista dos livros didáticos que foram disponibilizados, acho que esse todos nós temos. O livro do Tomazi, que foi o pioneiro. Antes não tinha livro didático de sociologia indicado, acho que foi o primeiro que eu usei, que é aquele Sociologia Para Ensino Médio. Eu tenho até uma versão dele, se você quiser. Eu uso do Reinaldo Dias, que eu acho que até cheguei a te mostrar.

Taís: Foi o que você conheceu no estágio?

Professor B: É. Eu uso da Cristina Costa também. Aquele que todo mundo mete malha, mas que também foi um dos primeiros, o do Pêrsio, que era da editora Ática. Aquele que foi organizado pela professora até aqui da UFRJ, um toque de clássicos. Muita coisa.

Taís: Mas você usa um pouquinho de cada um?

Professor B: Faço uma miscelânea.

Taís: Mas se fosse para você dizer o que você mais usa, qual seria?

Professor B: Ultimamente eu tenho usado mais o Sociologia Em Movimento, mas tem muita coisa que eu ainda uso do Reinaldo Dias, porque a parte, por exemplo, de poder, dominação esta super bem estruturado. Tem uma parte de estratificação que no Pêrsio também está legal. Para montar a gente acaba usando um pedaço de cada.

Em síntese, percebemos que os professores para preparação de aula, consulta e estudo não utilizam apenas o livro didático adotado por meio do PNL D, mas utilizam outros livros de acordo com as suas necessidades e de acordo com a temática das Ciências Sociais que estão trabalhando. De acordo com as falas a seguir, percebemos que além de utilizarem outros livros didáticos, que os professores classificam conforme as suas necessidades, a função de cada livro didático dentro do contexto de seu trabalho:

Professor A: O Sociologia Hoje é um que eu também uso, em relação a encontrar, depois para trabalhar com os alunos onde estão as coisas, tentar decifrar ele ali, é um que eu leio bastante sempre. Mas dos livros didáticos, Sociologia Em Movimento é um que, na verdade, ajuda a compreender muito mais conceitos do que o Sociologia Hoje. E aquele do Para Jovens Do Século XXI, que eu gosto da abordagem que eles dão. Assim, as vezes eu acabo ficando um pouco mais clássico da forma que eu vou falar ou expor ou tenho uma dificuldade, você pega aquele livro e fala: “um professor de Madureira...”, ele ajuda a trazer para mais próximo dos meninos.

Taís: Um diálogo, nesse caso.

Professor A: É. Por exemplo, o Sociologia Hoje que até foi um dos livros que eu votei na época para ser, porque eu gostava da forma, da estética dele, do visual, ele é colorido. O Sociologia Em Movimento é muito bom, mas eu acho ele tão pastel, isso me incomoda. E o Sociologia Hoje é colorido, parece um blogzinho, cheio de chamada daqui, “você sabia” ali, curiosidades. Mas ao mesmo tempo você está em uma página que tem 18 autores citados, sei lá quantos autores. Acho que é antropologia brasileira, cita quase todos do pensamento social brasileiro, não vai servir para nada, nem para a gente, quer dizer, a gente não usa esses textos, a gente não conhece aqueles autores, não adianta botar na mesma página, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, FHC, essa turma toda. E daí? Sérgio Buarque de Holanda.

Taís: Faz sentido.

Professor A: Em uma prática acontece isso. Mas ao mesmo tempo eu acho que é bem vivo o livro. Então o Sociologia Hoje eu acabo lendo

bastante para saber como que eu vou, como disse o Carlos, referenciar, o *Sociologia Em Movimento* é o que me ajuda a dar uma explorada mais conceitual da coisa. E o *Para Jovens Do Século XXI*, eu gosto muito de ler esse livro, que é o para ajudar na minha linguagem, para tentar aproximar deles a minha linguagem, falando caveirão, é muito mais próximo.

Taís: Então a partir desse uso, por exemplo, com o *Sociologia Em Movimento*, é como se ajudasse na tua formação, não é?

Professor A: Exato.

Com base no dialogo acima, foi possível identificar que o livro *Sociologia em movimento* eles gostam de consultar como um modo de se atualizarem e para seu próprio estudo, o livro *Sociologia para jovens do século XXI* é classificado por eles como um recurso que trará exemplos e uma linguagem que os aproximará dos estudantes, pois segundo os professores, esse é o livro que apresenta a linguagem mais clara e acessível para os estudantes, então, eles recorrem a este livro para prepararem os exemplos utilizados em sala de aula. Já o livro *Sociologia hoje*, que é o livro por eles adotados através do PNL D é o que eles julgam que mais atrai os estudantes por conta das imagens e dos grafites. Também frisaram que a escolha por adotarem esse livro didático se deu, principalmente, por conta da estética do livro e pelo livro inovar com a divisão entre as três áreas das ciências sociais.

Além desses aspectos, foi dito pelos professores que utilizar o livro didático em sala de aula, pelo menos para dar exemplos e mostrar para o aluno onde aquele conhecimento está escrito serve para deixar claro que o que está sendo discutido na aula de sociologia é ciência e conhecimento científico que foi pensado e construído por vários autores e estudiosos e que o professor não é o detentor de toda a informação. Isso nos mostra, a importância do livro didático como um objeto que serve não só como um recurso didático para os professores e alunos, mas também, como um modo de exemplificar as diferenças entre o senso comum e conhecimento científico, já que a sociologia trata de muitos temas do cotidiano, mas com uma abordagem sociológica e científica, como podemos ler no trecho a seguir:

Professor A: [...] Porque eu acho interessante usar o livro e acho importante, isso eu até já falei da outra vez, acho meio complicado parecer que a gente, o professor, é quem detém aquele conhecimento e que não construímos a partir de um livro. Eu uso dessa forma, ou para atividade dentro de sala de aula...

Por fim, o quarto e último ponto ressaltado em relação a utilização do livro didático de sociologia pelos professores tem a ver com a linguagem do livro didático. Nesse caso, por mais que o livro didático seja elaborado com vistas a atender o público escolar da educação básica e o conhecimento científico apresentado no livro já foi recontextualizado para atender os estudantes do ensino médio, os professores frisaram que ainda assim necessitam realizar uma tradução e uma nova organização do livro didático para que este esteja mais claro e acessível para os estudantes, ou seja, o que na verdade os professores estão fazendo é justamente uma recontextualização de acordo com as necessidades de seus estudantes, conforme percebemos no diálogo a seguir:

Professor B: Às vezes eu brincava com ele, quando eu estava com turma de segundo ano, eu trabalhava com livro, a gente lia alguma parte sobre trabalho, eu falava assim: “agora traduz isso para português”. Porque é essa a dificuldade. Ele leu o texto, mas não consegue transformar aquilo para algo palatável para eles. Às vezes a linguagem não está adequada. É isso que o Professor A estava falando, não está adequada para o que ele usa no cotidiano. A gente tinha que fazer essa ponte. É isso que a gente fica fazendo o tempo inteiro.

Taís: Eu fiz até uma pergunta que vai nesse sentido, exatamente no que você colocou, que no primeiro grupo focal foi destacada a preocupação e vocês por realizarem uma mediação didática do conhecimento acadêmico para os alunos. Até o exemplo que eu coloquei foi que vocês utilizaram o termo tradução, você falou isso, tradução para a língua portuguesa. E eu pergunto, por conta disso, vocês citaram por exemplo que vocês não utilizam texto clássico, lembra? Atividade do trecho clássico. Por que no caso não utilizar o livro didático para isso? Vocês também percebem nesse caso essa dificuldade da linguagem.

Professor B: Sim. Tanto com trecho clássico quanto com livro didático. A gente vai ter que fazer essa mediação nas duas situações.

Interessante observarmos na fala acima do Professor B que ele aponta a necessidade de que se faça uma recontextualização do conteúdo que está apresentado no livro para que aquele texto se torne, segundo esses professores, mais palatáveis para seus alunos. Em suma, acabamos por perceber após a análise do material coletado no campo que o livro didático além de já ser feito pensando no público escolar, ainda demanda de mais traduções e reorganizações que cabem ao professor realizarem de acordo com o contexto de sua sala de aula.

Ademais, entendemos que o livro didático ao seu utilizado, recontextualizado e resignificado pelo professor assume funções para além de um recurso didático que visa auxiliar o professor, pois atua como currículo, “guia” para direcionamento do trabalho e fonte para estudo, formação e atualização profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo investigar e compreender os usos feitos pelo professor do livro didático de sociologia para identificar a sua relação com o campo oficial de recontextualização, além de verificar em que medida a escolha do livro didático de sociologia está relacionada com o currículo, a pedagogia e as formas de avaliação propostas pelo campo oficial de recontextualização. Ou seja, o que buscamos, na verdade com esta pesquisa foi identificar e assim apresentar como o uso do livro didático se relaciona com as três dimensões que constituem o processo educacional.

Por conta disso, utilizamos como principal referencial teórico o sociólogo da educação Basil Bernstein já que nosso objetivo foi de compreender a relação que pode se dar entre o campo oficial de recontextualização e o campo de recontextualização pedagógico, através da utilização do livro didático, pelos professores.

Desse modo, levantamos a hipótese que ao final da pesquisa acabamos por comprovar, que o modo de utilização do livro didático passa por um processo de recontextualização já que o professor irá adaptá-lo e dar a ele diferentes significados, de acordo com a sua realidade, com suas práticas e experiências. Isso se dá, pois quando o professor toma posse do livro didático e usa ao seu modo, modificando, reorganizando e realocando os conteúdos e o próprio livro de acordo com o contexto de seu trabalho.

Realizamos a investigação no Colégio Estadual Olga Benário Prestes. A escolha para a realização da pesquisa nessa escola foi feita a partir da aplicação de questionário autoaplicado, enviado por e-mail para uma amostra de 180 professores de sociologia da rede pública do estado do Rio de Janeiro, onde buscamos identificar quais professores utilizam o livro didático de sociologia cotidianamente e obtivemos uma amostra total de trinta e sete questionários respondidos e assim, chegamos ao Colégio Olga que reúne em sua equipe três professores de sociologia que utilizam o livro didático em sua prática docente cotidianamente.

Nessa direção, utilizamos a técnica do grupo focal como principal método para recolha dos dados de nossa pesquisa. Sendo assim, realizamos dois encontros de grupo focal com os três professores de sociologia que acompanhamos durante os meses de junho a novembro de 2017. Além dos encontros do grupo focal também realizamos observações de algumas aulas de sociologia dos três professores investigados e da rotina escolar do Colégio Olga para triangular com os dados obtidos por meio do grupo focal.

Associar algumas observações de campo aos encontros do grupo focal nos permitiu observar os significados que os livros didáticos desempenham no cotidiano escolar, e ainda, descrever por meio da análise dos dados que obtivemos através de grupo focal como os livros estão sendo utilizados e o contexto em que estão imersos.

Com base no estudo e análise do material que coletamos ao longo das dezoito visitas à escola e nos dois encontros do grupo focal que reúnem cerca de oitenta páginas de transcrição dos diálogos, percebemos que o livro didático assume na prática do professor diferentes funções e papéis de acordo com as necessidades e desafios do cotidiano escolar.

Dessa maneira, identificamos que o livro didático ao ser recontextualizado pelos professores assume as seguintes funções: (1) instrumento para formação do professor e fonte para aprender e relembrar teorias e conceitos, (2) “guia”/“bússola” para definição do que será trabalhado nas temáticas das ciências sociais e para a preparação das aulas, (3) comprovação de que a sociologia é uma ciência e não senso comum e (4) aproximação e distanciamento do livro didático por conta da linguagem que em alguns momentos é entendida como difícil e distante dos alunos e em outros momentos como um discurso que se aproxima dos alunos por conta das imagens.

De maneira geral, tal como apresentado por CAVALCANTE (2015), entendemos o livro didático como:

um material com fins pedagógicos, que abarca muitas funções instrutivas de caráter escolar/educacional, assumindo diversas outras características que o fazem ir além deste âmbito. Trata-se de um somatório de atribuições que tornam o livro didático um complexo de múltiplos potenciais pedagógicos. (CAVALCANTE. Pág.21. 2015).

Nesse sentido, percebemos múltiplos atributos e funções que este instrumento assume na prática pedagógica do professor. Dentre essas funções percebemos o livro didático como um objeto cultural e mercadoria que ao ser ressignificado pelo PNLD assume então a função de uma política pública que ao ser apropriado pelo professor atua como currículo, recurso didático que o professor recorre ou não de acordo com o que irá trabalhar em sala, “guia” de quais conceitos ou abordagem que o professor fará, instrumento de formação continuada e em serviço para o professor, uma vez que o livro é utilizado pelo professor como fonte de estudo, pesquisa e para aprender e relembrar conceitos e teorias.

Ademais, percebemos também, que o livro didático atua na legitimação dos conhecimentos sociológicos dentro da escola, já que é utilizado muitas vezes como uma ferramenta que serve para comprovar e demonstrar que a sociologia é uma ciência e um conhecimento construído ao longo da história da humanidade com base em estudos, pesquisas e observações.

Tendo em vista, o uso do livro didático pelo professor e o campo oficial de recontextualização identificamos que estes se relacionam quando o professor utiliza o livro didático como um modo para se atualizar em serviço e assim aprender e relembrar conceitos. No que diz respeito às três dimensões que constituem o processo educacional, o currículo, a pedagogia e avaliação, percebemos que o livro didático acaba funcionando como currículo utilizado ou seguido pelos professores que será recontextualizado de acordo com as práticas pedagógicas dos professores.

Já em relação às avaliações, o livro se relaciona na medida em que é utilizado pelos professores como referência para que os alunos estudem ou quando reproduzem exercícios e propostas didáticas em sala.

Vale destacar, que ainda que tenhamos garantido rigor metodológico em todas as etapas da investigação, nossa pesquisa por ser um estudo de caso realizado com um grupo pequeno de professores não pode ser generalizada a outras realidades e escolas, ainda que sejam também escolas estaduais do Rio de Janeiro. Ademais, por conta de questões burocráticas como, por exemplo, a demora no tempo para liberação da autorização de entrada na escola e pelo próprio cronograma do mestrado, não foi possível realizar uma análise meticolosa do uso do livro didático pelo professor, mas sim de suas percepções em relação ao uso do livro didático, por meio dos encontros do grupo focal triangulando com as observações de aulas e da rotina escolar do Colégio Estadual Olga Benário Prestes.

Mas ainda assim, a pesquisa poderá contribuir com o campo de estudos de ensino de sociologia e com futuras pesquisas que tomem o livro didático como objeto de estudo a ser investigado, tendo em vista as funções e significados que o livro didático assume no contexto escolar como identificamos nesta dissertação. Além disso, as transcrições oriundas dos encontros do grupo focal que realizamos levantam algumas questões que podem ser investigadas em futuras pesquisas sobre o ensino de sociologia na educação básica, tais como: Como a sociologia é ensinada na sala de aula? Qual a identidade da sociologia no contexto escolar? Qual significado os professores atribuem ao ensino de

sociologia na educação básica? Algumas dessas questões, tendo em vista a trajetória do ensino de sociologia na educação básica, já foram objetos de estudos de alguns pesquisadores, no entanto, também apareceram no contexto de realização de nossa investigação, mas por não se constituírem como nosso objeto de análise não foram por nós investigadas.

Mas, no que diz respeito ao livro didático e aos seus usos, as pesquisas precisam se expandir a ponto de investigarem como os estudantes utilizam o livro didático de sociologia e se de fato este recurso didático contempla as necessidades do estudante do século XXI que frequenta a escola básica.

Sendo assim, tendo em vista as questões acima colocadas encerramos esta dissertação, mas não o tema, pois acreditamos que o livro didático precisa ser explorado a partir das múltiplas funções que assume no contexto escolar.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOBRE USO DO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA

Este questionário é um instrumento de pesquisa exploratória e tem como objetivo identificar os professores de Sociologia da SEEDUC que utilizam o livro didático de Sociologia em suas aulas. As informações contidas neste questionário auxiliarão a escolha da escola onde desenvolverei minha pesquisa de mestrado, assim como o professor que acompanharei suas aulas. A referida pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, sob a orientação da professora Anita Handfas. Para tal, peço sua colaboração para responder o questionário da forma mais sincera possível.

Nome:

Nome da escola em que trabalha:

1. Você utiliza o livro didático de sociologia?

Sim

Não

2. Se sim, assinale abaixo a maneira como utiliza o livro didático (pode assinalar mais de um campo):

Em sala de aula SEMPRE

Em sala de aula EVENTUALMENTE

Para preparação de aula como única fonte de consulta

Para preparação de aula como uma das fontes de consulta

Para preparação de outros materiais

Outro:

3. Além do livro didático de sociologia adotado pela escola, utiliza outros? Quantos?

4. Você solicita que seus alunos utilizem o livro didático? (pode assinalar mais de um campo):

Sim, para consulta e acompanhamento em sala de aula.

Sim, para estudo em casa.

Sim, para realização de alguma atividade e/ou avaliação.

Não, solicito o uso do livro didático aos meus alunos.

5. Na sua escola, você participou da escolha do livro didático de sociologia que você e seus alunos receberam através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)?

Sim

Não

6. Neste tópico, você poderá fazer anotações e observações, se achar necessário.

APÊNDICE B - Resumo das 37 respostas ao questionário “Sobre uso do livro didático de sociologia”.

1. Você utiliza o livro didático de sociologia?

Sim	34	91.9%
Não	3	8.1%

2. Se sim, assinale abaixo a maneira como utiliza o livro didático (pode assinalar mais de um campo):

Em sala de aula SEMPRE	5	14.3%
Em sala de aula EVENTUALMENTE	23	65.7%
Para preparação de aula como única fonte de consulta	3	8.6%
Para preparação de aula como uma das fontes de consulta	30	85.7%
Para preparação de outros materiais	10	28.6%
Outros	4	11.4%

3. Além do livro didático de sociologia adotado pela escola, utiliza outros? Quantos?

1. 3
2. Sim. Cinco
3. 2
4. 4 livros
5. Para planejamento de aula em média 2
6. Não
7. Pelo menos mais um!
8. Sim.
9. Três
10. Sim, quantos forem necessários
11. Cada escola adota um livro didático. Sai de uma escola na qual utilizava um livro e passei a utilizar outro, por opção, mas continuei usando o que eu já usava também. Hoje eu utilizo esses dois livros mais os livros adotados, pelas escolas nas quais estou lecionando, um em uma e outro na outra.
12. Sim, 3
13. sim, todos os aprovados pelo MEC
14. Utilizo livros acadêmicos para preparação da aula 15. Sim. Vários.

16. Sim, total de 5 livros, dos dados por editoras.
17. 5
18. Sim. 04
19. Sim, dois
20. VÁRIOS
21. 3.
22. não
23. De vez em quando, consulto os outros livros aprovados pelo PNLD
24. Sim, dois.
25. Sociologia em movimento
26. Artigos. O número varia...
27. Utilizo diversas fontes bibliográficas, exemplo coleção Os Pensadores, vários textos da fonte SCIELO, etc.
28. Utilizo textos em xerox
29. Sim. Dois

4. Você solicita que seus alunos utilizem o livro didático? (pode assinalar mais de um campo):

Sim, para consulta e acompanhamento em sala de aula.	20	54.1%
Sim, para estudo em casa.	29	78.4%
Sim, para realização de alguma atividade e/ou avaliação.	31	83.8%
Não, solicito o uso do livro didático aos meus alunos.	1	2.7%

5. Na sua escola, você participou da escolha do livro didático de sociologia que você e seus alunos receberam através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)?

Sim	28	75.7%
Não	9	24.3%

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOBRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Este questionário faz parte da pesquisa sobre usos do livro didático de sociologia, desenvolvida no programa de pós-graduação em Educação da UFRJ. Lembre-se que seu sigilo será mantido, portanto, sinta-se à vontade em suas respostas.

1. Nome:
2. Idade:
3. Há quanto tempo você atua como professor de sociologia da Educação Básica?
4. Em quantas escolas você trabalha?
5. Nome das escolas em que trabalha
6. Qual graduação você cursou? (favor especificar bacharelado, licenciatura ou os dois)
7. Qual instituição realizou a graduação?
8. Ano de conclusão da graduação
9. Você cursou algum curso de Pós-Graduação?
10. () Sim () Não
11. Se sim na resposta anterior, marque o nível acadêmico de seu curso.
12. () Especialização () Mestrado () Doutorado
13. Cite o nome e a instituição do curso de pós que você cursou ou está cursando.
14. Você participa de cursos de formação continuada? Se sim, quais cursos já fez?
15. Você participou de outros cursos que considera importante para a sua formação como professor? Quais?
16. Você teve contato com o assunto “livro didático” durante a sua formação? Em que momento isso ocorreu? Como o assunto foi abordado?
17. Quantos dias na semana você trabalha como professor?
18. Quanto tempo você gasta no trajeto de sua casa para a escola em que trabalha?
19. Qual meio de transporte você utiliza para chegar à escola?
20. Além de seu trabalho como professor de sociologia na educação básica, você tem outro emprego ou atividade remunerada? Qual?
21. Em uma escala de 1 a 10, onde 1 significa ruim e 10 excelente qual nota você atribui as condições estruturais da escola.
22. Em uma escala de 1 a 10, onde 1 significa ruim e 10 excelente qual nota você atribui as suas condições de trabalho.

23. Em uma escala de 1 a 10, onde 1 significa ruim e 10 excelente qual nota você atribui a possibilidade de utilizar diferentes recursos e ferramentas didáticas em sala de aula, tais como filmes, data show, música, computador.

APÊNDICE D – ROTEIRO GRUPO FOCAL I.

Tema: Materiais didáticos

Data: 08 de agosto **Local:** CE Olga Benário **Horário:** 11:30 h

Participantes: 3 professores de sociologia do ensino médio.

Objetivo específico do grupo focal I: Realizar dinâmica sobre estratégias didáticas, para perceber o perfil e as preferências metodológicas dos docentes, de modo a evidenciar o contexto de utilização do livro didático de sociologia. Tal mapeamento será feito de modo triangulado com os dados que estão sendo coletadas por meio da observação de algumas aulas de sociologia.

1º momento: Introdução ao Grupo focal/ apresentações

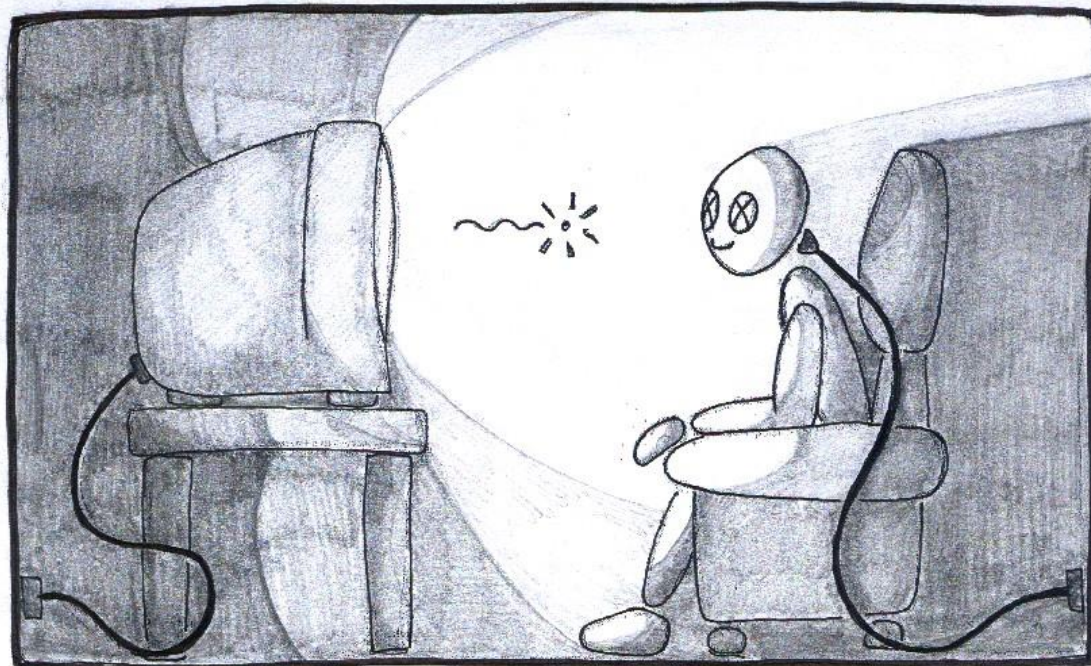
2º e 3º momento: Realização da dinâmica sobre materiais didáticos em conjunto com as questões relacionadas às atividades.

Cada professor receberá uma proposta de atividade didática juntamente com uma ficha individual para análise. A dinâmica será feita de tal modo que todas as atividades serão analisadas por todos os professores. Após as análises individuais será proposto que os três professores comentem sobre as atividades em conjunto, a partir de algumas questões para iniciar o debate, tais como:

1. O que te faria escolher tal proposta para trabalhar com seus alunos?
2. Você acha que ela está adequada para seus alunos?
3. Qual outra atividade ou proposta didática você utiliza para apresentar as Ciências Sociais para seus alunos?

O objetivo das perguntas acima, além de provocar o debate entre os professores, visa identificar as ferramentas didáticas que são mobilizadas pelos docentes durante suas aulas e ainda evidenciar o contexto em que está inserido o meu objeto de estudo (o livro didático de sociologia).

Atividade 1: Exercício (Elaboração de uma propaganda e crítica)



“A imagem é tomada como uma parcela da realidade, como um acessório da casa, que se adquiriu junto com o aparelho”.

ADORNO, Theodor W. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Nacional, 1977.p.349

Os meios de comunicação, liderados pela televisão, tornam-se modelos de comportamento, criam realidades, manipulam o público e levam o espectador a desfrutar um falso conto de fadas. O objetivo do trabalho é sair do papel de espectador para o de produtor, analisando e criando a sua própria propaganda comercial.

O trabalho consistirá:

- 1) Na elaboração de uma proposta de comercial e na produção de uma peça publicitária (vídeo ou cartaz) que esteja estrategicamente anunciando o produto. A propaganda criada deverá acompanhar uma ficha sobre o produto e as estratégias utilizadas, como: Público alvo, mensagem transmitida, melhores horários para veiculação da propaganda.
- 2) Na produção de uma análise crítica sobre a propaganda apresentada. Apresente dois conceitos aprendidos nas aulas de sociologia.

Proposta didática: Esta atividade você utilizaria após trabalhar com a sua turma o conceito de Indústria Cultural, afim de verificar a aprendizagem de seus alunos a respeito do tema.

Atividade 2 (Trecho clássico)

“O que se poderia chamar de valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, ao invés do prazer, o que se busca é assistir e estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor. O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar. (...) Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo. O valor de uso da arte, seu ser, é considerado como um fetiche, e o fetiche, a avaliação social que é erroneamente entendida como hierarquia das obras de arte – torna-se seu único valor de uso, a única qualidade que elas desfrutam. É assim que o caráter mercantil da arte se desfaz ao se realizar completamente. Ela é um gênero de mercadorias, preparadas, computadas, assimiladas à produção industrial, compráveis e fungíveis, mas a arte como um gênero de mercadorias, que vivia de ser vendida e, no entanto, de ser invendível, torna-se algo hipocritamente invendível, tão logo o negócio deixa de ser meramente sua intenção e passa a ser seu único princípio.” (ADORNO e HORKHEIMER. pág.148. 1944)

Referência bibliográfica: ADORNO, T. HORKHEIMER, M. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 113-157.

Proposta didática: Esta atividade você utilizaria para explicar e apresentar aos seus alunos o conceito de Indústria Cultural.

Atividade 3 (Música)



Você só pensa em Grana



Zeca Baleiro

Você só pensa em grana meu amor

Você só quer saber

Quanto custou a minha roupa

Custou a minha roupa

Você só quer saber quando que eu vou

Trocar meu carro novo

Por um novo carro novo

Um novo carro novo meu amor

Você rasga os poemas que eu te dou

Mas nunca vi você rasgar dinheiro

Você vai me jurar eterno amor

Se um dia eu comprar o mundo inteiro

Quando eu nasci um anjo só baixou

Falou que eu seria um executivo

E desde então eu vivo com meu banjo

Executando os rocks do meu livro

Pisando em falso com meus panos quentes

Enquanto você ri no seu conforto

Enquanto você me fala entre dentes

Poeta bom meu bem poeta morto.

Proposta didática: Esta música você utilizaria para debater e apresentar o conceito de Indústria Cultural para a Antropologia e também, exemplificar a partir da música os seguintes conceitos: Indústria Cultural, mercantilização da arte e das relações sociais, estímulo e valorização do consumo, produção em massa e homogeneização.

Atividade 4 (Construindo o conceito de Indústria Cultural a partir da frase de George Orwell)

“A massa mantém a marca, a marca mantém a mídia e a mídia controla a massa.”

George Orwell

Proposta didática: A frase de George Orwell poderá ser usada para ilustrar a questão do estímulo e valorização do consumo, produção em massa e homogeneização, que são aspectos que podem ser discutidos dentro da temática da Indústria Cultural.

Atividade 5 (Charge para trabalhar o conceito e a ideia de Indústria Cultural)



Proposta didática: Esta charge você utilizaria para ilustrar a ideia do que Indústria Cultural para a Antropologia e para exemplificar a teoria de Adorno (1903-1969) e Horkheimer (1895-1973) a respeito dessa temática. Com esta charge, você poderia trabalhar os seguintes conceitos: Indústria Cultural, mercantilização da arte e das relações sociais, estímulo e valorização do consumo, produção em massa e homogeneização.

Ficha entregue aos professores para a análise individual das propostas didáticas.

Em relação à atividade proposta...

Ela está adequada para seus alunos? Por que?

A linguagem e a proposta de atividade estão adequadas para seus alunos?

Você a utilizaria? Como? Em que momento da aula?

Você acrescentaria outro recurso didático, além dessa atividade? Qual?

APÊNDICE E – ROTEIRO GRUPO FOCAL II.

Tema/Título do Grupo focal 2: Livro didático: usos, escolhas e motivações.

Data: 31 de outubro de 2017 (terça-feira) **Local:** CE Olga Benário **Horário:** 17:30

Participantes: 3 professores de sociologia.

O segundo grupo focal pretende alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os recursos e materiais didáticos que os professores recorrem para preparação de suas aulas.
- Discutir o uso do livro didático de sociologia para triangular com o que está sendo observado no campo.
- Investigar o processo de escolha dos livros adotados nas versões do Programa Nacional do Livro Didático de 2015 e 2018.

A partir do que foi discutido no primeiro grupo focal, elenco algumas questões a serem debatidas no segundo encontro do grupo:

Perguntas:

- Quais os recursos e materiais vocês recorrem para apresentar o conhecimento sociológico aos alunos, ou seja, quais as fontes são utilizadas para preparação das aulas?
- Quais métodos são adotados para o ensino de sociologia?
- Quais livros didáticos além do *Sociologia Hoje* você conhece/tem?
- Você já utilizou/trabalhou com outros livros didáticos? Quais?
- Desde quando você utiliza livro didático?

Objetivo: Investigar quais as fontes os professores utilizam para preparação de suas aulas.

Pergunta:

- Como você descreve o uso que você faz do livro didático de sociologia?
- Em uma escala de 0 a 5, onde zero representa que não usa e cinco significa usa muito, qual número você atribui ao uso que você faz do livro didático de sociologia. Por que?
- De que maneira você usa o livro didático? (em sala de aula com os alunos; usando textos e/ou exercícios; recursos como imagens, textos jornalísticos, etc;
- Utiliza o LD para a preparação de suas aulas?
- Já utilizou vários livros didáticos para preparação de suas aulas?
- Ao longo de sua carreira como professor o uso que você faz do livro didático de sociologia é igual ou você percebe modificações? Explique.

Objetivos: Perceber como o professor classifica o uso ou não do livro didático. Identificar o que é dito com o que é vivenciado no cotidiano da sala de aula (a partir do que tem sido observado) e verificar se o uso do livro didático se dá de modo mais efetivo dentro ou fora da sala de aula (a partir das orientações que são feitas pelo professor).

Pergunta:

- Já tendo observado algumas aulas de cada um de vocês, pude perceber que vocês o utilizam para citar alguma informação, ou um exemplo que estão explicando que também está no livro didático (aula Eliene 30/05 e 20/06) e/ou como apoio aos alunos durante a realização de alguma atividade ou avaliação (aulas de Carlos de 30/05, 05/06 e 20/06 e de Binho 06/06 e 20/06), além disso, alguns alunos comentaram comigo que gostam do livro didático de sociologia e que usam para estudar para prova ou para ler mesmo, mas que em sala, o uso fica difícil, pois quando o professor quer utilizar, muitos alunos não trouxeram o livro (fala da aluna Larissa do 2º ano no dia 08/08). Sendo assim, gostaria de pedir a vocês que comentem (concordando, discordando ou acrescentando informações em relação a minha fala).

Objetivos:

- Levar os professores a refletirem e a falarem sobre o uso que é feito do livro didático de sociologia, a partir de suas próprias práticas e experiências pedagógicas e também, perceber a mediação didática e a recontextualização que o professor desenvolve.
- Relacionar o modo de recontextualização, classificação e enquadramento do livro didático de sociologia com o modo de organização, linguagem e apresentação do livro.
- Perceber as contribuições e dificuldades que o professor se depara ao utilizar o livro didático “Sociologia Hoje”.Elencar possíveis pontos/caminhos que “facilitem/guiem” o uso do livro didático pelo aluno e também, pelo professor.

*Na dissertação relacionar esses aspectos com as exigências feitas pelo edital do PNLD e com as falas e cotidiano dos professores investigados.

Perguntas:

- Cite aspectos positivos do livro didático de sociologia adotado pelo CE Olga? Explique porque você considera estes aspectos destacados como pontos positivos do livro.
- Cite aspectos negativos do livro didático de sociologia adotado pelo CE Olga? Explique porque você considera estes aspectos destacados como pontos negativos do livro.
- No grupo focal anterior, vocês demonstraram uma preocupação com relação à compreensão dos conhecimentos sociológicos por parte de seus alunos, de tal modo, que falaram sobre a utilização de música, imagem ou teatro para estudo das Ciências Sociais. De algum modo a opção por outros recursos pedagógicos está relacionada ao livro didático que vocês adotaram? Explique.
- No primeiro grupo focal foi destacada a preocupação por realizarem uma mediação didática do conhecimento acadêmico para os seus alunos (no grupo focal vocês utilizaram o termo “tradução/ tradução para língua portuguesa”). Por conta disso,

vocês citaram, por exemplo, que optam por não utilizar um texto clássico. Nesse sentido, porque vocês não utilizam o livro didático para esse objetivo?

- Qual a opinião de vocês a respeito da mediação didática (tradução) apresentada no livro didático?
- Como você analisa o modo pelo qual o conhecimento das ciências sociais é apresentado no livro didático?
- Você acha que a linguagem do livro se apresenta de um modo acessível e claro para os seus alunos? = Você acha que o modo de escrita e apresentação do livro didático ajuda ou dificulta a compreensão de seus alunos? Por que?
- Como você, professor, percebe a relação de seus alunos com o livro didático?
- Que aspectos você leva em consideração para realizar a avaliação dos alunos?
- Quais fontes e/ou recursos você utiliza para elaborar as avaliações?
- Quais é/são o(s) papel(is) do livro didático na avaliação?

APÊNDICE F – DECLARAÇÕES ENTREGUES NA METROPOLITANA III.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTOS COLHIDOS POR MEIO DE ENTREVISTAS PARA A PESQUISADORA MESTRANDA TAIS DO NASCIMENTO SANTANA.

CEDENTE:,(nacionalidade),
.....(estado civil),
(profissão), Carteira de Identidade nº, emitida por
....., CPF nº,
residente e domiciliado em
.....
.....
.....

CESSIONÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, pessoa jurídica de direito público, de caráter técnico-científico e educativo, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 33.663.683/0001-16, com sede na Av. Pedro Calmon, nº 550, na cidade do Rio de Janeiro, representada na forma de seus atos constitutivos.

1 – O CEDENTE, neste ato, cede e transfere, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à CESSIONÁRIA, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento concedido por meio de entrevista, como material da pesquisa da mestranda.

2 – Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o CEDENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá indefinidamente o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, ao qual terá a sua identidade preservada pela CESSIONÁRIA.

3 – Fica, pois, a CESSIONÁRIA plenamente autorizada, através de sua Faculdade de Educação da UFRJ, a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, na pesquisa.

4 – Elegem as partes o Foro da Cidade do Rio de Janeiro como o competente para dirimir quaisquer questões oriundas da presente cessão.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente em (02) duas vias de igual teor e forma e para um só efeito.

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2017.

CEDENTE

CESSIONÁRIA

TESTEMUNHAS:

Nome Legível:
CPF:

Nome Legível
CPF:



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezados professores, prezada professora,

Peço licença para apresentar a etapa atual da pesquisa a ser desenvolvida pela aluna de mestrado Taís do Nascimento Santana, do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRJ, que consiste na realização de três (3) encontros com professores de Sociologia do Colégio Estadual Olga Benário no âmbito do Grupo Focal, constituído com o principal objetivo de conhecer as visões de professores sobre a adoção de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem, em particular do livro didático de Sociologia.

Tendo como campo de pesquisa o C.E. Olga Benário, a aluna já vem acompanhando algumas aulas de Sociologia, assim como tem feito observação do ambiente escolar, de modo que o Grupo Focal se constitui em ferramenta fundamental de contato direto e sistemático com os professores que atuam no dia a dia da sala de aula e que, em contato permanente com seus alunos, guardam as melhores condições para avaliar os recursos necessários para a sua prática pedagógica.

Pelo exposto, a sua participação no Grupo Focal será de muita valia, pois vai fornecer pistas importantes para conhecer de forma mais precisa o significado do livro didático de sociologia e seus usos pelo professor. É importante salientar também que as informações coletadas no Grupo Focal irão integrar a pesquisa da aluna que, assim que publicada, ficará à inteira disposição dos participantes. Além disso, pode-se pensar em futuros eventos na própria escola, com o objetivo de debater conjuntamente os seus resultados.

Esclareço que todos os procedimentos necessários para a realização da pesquisa encontram-se de acordo com as normas da comissão de ética da UFRJ e que toda a programação das atividades desenvolvidas pela aluna estará sendo orientada por mim.

Por sua participação, desde já agradecemos e nos colocamos à inteira disposição.

Anita Handfas

Orientadora Acadêmica

UFRJ/FE

Siape 1487637



À Metropolitana III

Prezados senhores,

A presente é para apresentar Taís do Nascimento Santana, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal do Rio de Janeiro e solicitar autorização desta Metropolitana para que a mesma possa realizar trabalho de pesquisa que tem como tema a utilização de livros didáticos por professores de Sociologia em sala de aula.

Tendo escolhido o Colégio Estadual Olga Benário como campo de investigação, esta fase da pesquisa constará de acompanhamento das aulas de Sociologia e entrevista com o professor regente, devendo ter a duração de aproximadamente oito meses, a partir do mês de fevereiro de 2017.

Para o cumprimento dos procedimentos administrativos necessários, informo que a aluna já fez uma visita à escola, tendo a anuência da direção e do professor de sociologia que poderá recebê-la em suas aulas.

Esclareço, por fim, que todos os procedimentos necessários para a realização da pesquisa encontram-se de acordo com as normas da comissão de ética da UFRJ e que toda a programação das atividades desenvolvidas pela aluna estará sob minha orientação acadêmica, sendo acompanhada antecipadamente e de forma conjunta com a equipe pedagógica da unidade escolar.

Colocando-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Agradeço desde já a colaboração,

Anita Handfas

UFRJ/FE

Siape 1487637

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 2017.

À Metropolitana III

Prezados,

Eu, Tais do Nascimento Santana, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal do Rio de Janeiro, venho através desta, pedir autorização à Metropolitana III, para realizar trabalho de pesquisa sobre utilização de livros didáticos de Sociologia por professores, no Colégio Estadual Olga Benário, sediado no bairro de Bonsucesso, zona norte do Rio de Janeiro.

No colégio escolhido, tenho a intenção de acompanhar as aulas de sociologia do ano letivo de 2017 e realizar entrevista com o professor regente da disciplina, para entender os modos que o docente utiliza o livro didático de sociologia.

A escolha do Colégio Olga Benário como campo de investigação se dá, pelo fato, desta escola ter uma estrutura física boa e ampla (biblioteca, laboratório de informática e de ciências, estúdio de música, sala de leitura, quadra de esporte, por exemplo) que possibilita alternativas pedagógicas ao professor, de modo que o uso do livro didático se dá como uma escolha, e não como uma imposição dada as precárias condições materiais em que o professor é submetido no realizar de suas atividades pedagógicas.

Neste sentido, informo que já fiz uma visita à escola, tendo o consentimento do professor regente de sociologia e da diretora para realizar as atividades de pesquisa que proponho, desde que, disponha de autorização da SEEDUC, que aos senhores solicito por meio desta carta e de abertura de processo, no protocolo da Regional Metropolitana III.

Agradeço desde já a colaboração.

Colocando-me à disposição para qualquer esclarecimento,

Tais do Nascimento Santana

www.proderj.rj.gov.br



SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
REGIÃO METROPOLITANA III
Membro Protocolo METROPOLITANA III

Cartão de
Andamento de Processo

E-03/007/640/2017

14/02/2017

Nome: TAIS DO NASCIMENTO
SANTANA

Assunto: Solicitação de
pesquisa no C.E. Olga
Benavio Prestes

As informações só serão dadas mediante
apresentação deste cartão, de 2ª a 6ª feira
das 10h às 17h

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Etnografia da prática escolar. 18ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2012. – (Serie Prática Pedagógica).

ANJOS, Bruna Lucila de Gois dos. Sociologia no Ensino Médio: uma análise de propostas curriculares. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AZEVEDO, Gustavo Cravo de. Sociologia no Ensino Médio: uma trajetória político-institucional (1982-2008). (Dissertação de mestrado em Ciência Política UFF) 2014. RJ.

AZEVEDO, Gustavo Cravo; NASCIMENTO, Tais Barbosa Valdevino do. O DISCURSO DE APOIO À SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO NOS ANOS 30 E NOS ANOS 90/00: APONTAMENTOS SOBRE OS DOIS PERÍODOS. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, p. 8-20, 2015.

APPLE, Michael. Ideologia e currículo. 3ª ed. São Paulo: ARTMED, 2006.

BERNSTEIN, B. A estruturação do discurso pedagógico: classe, código, controle. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Classes e pedagogia: visível e invisível. *Cadernos de Pesquisa*, n.49, p.26-42, maio.1984.

_____. Novas contribuições de Basil Bernstein. Entrevista concedida a Mercè Espanya e Ramón Flecha. *Revista Brasileira de Educação*, n.7, p.82-88, jan/fev/mar/abr.1998.

_____. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. *Cadernos de Pesquisa*, n. 120, p. 75-110, novembro/ 2003.

BRASIL. Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Sociologia. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2012.

_____. Guia de livros didáticos: PNLD 2015: sociologia: ensino médio. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

_____. Decreto n. 16782 – A (Reforma Rocha Vaz), de 13 de janeiro de 1925. Em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/D16782a.htm. Acesso em: 30/08/2017.

_____. Decreto n. 4.244/1942 (Reforma Capanema). Em: <http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>. Acesso em: 30/08/2017.

_____. Lei nº 9.394/20, de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

_____. Parâmetros curriculares Nacionais. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 1999.

_____. Parâmetros curriculares Nacionais do Ensino Médio +. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2002.

_____. Orientações curriculares para o Ensino Médio. Volume 3 – Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, pp. 101-133, 2006.

_____. Lei 11.684/2008. Em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm . Acesso em: 03/03/2018.

_____. Matriz de referência do ENEM 2009. MEC, 2009. Em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=310+enen.br>. Acesso em: 07/07/2017.

_____. Medida Provisória MPV 746/2016. Brasília, 22 set. 2016a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm . Acesso em: 21 jan. 2017.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Abr. 2016b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 18 jan. 2017.

BRITO, S. H. A. A produção de manuais didáticos e o ensino de sociologia na escola média em dois momentos históricos (1935-1989). *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, número especial, p.58-75, maio. 2010.

BRITO, S. H. Os compêndios produzidos por Carlos Miguel Delgado de Carvalho para o Ensino de Sociologia no Colégio Pedro II (1931-1938). In: Anais do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas —História, sociedade e educação no Brasil, p.2563-2587.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. O mercado do livro didático no Brasil do século XXI: a entrada do capital espanhol na Educação Nacional. 1. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CAVALCANTE, Thayene Gomes. Adoção do livro didático de sociologia na educação básica: estudo com docentes da rede pública da primeira gerência regional de ensino da Paraíba. Dissertação do mestrado profissional da Fundação Joaquim Nabuco, FUNDAJ. Recife, 2015.

CAVALCANTE, Thayene Gomes; QUEIROZ, Jorge José Lins de. A mediação pedagógica e a Sociologia no ensino médio: a utilização do livro didático e as práticas docentes. In: Anais do IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. São Leopoldo, RS. 2015.

CRAVO, Gustavo. Sociologia no Ensino Médio: uma trajetória político-institucional (1982-2008). 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de pós-graduação em ciência política da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, p.549-566, set./dez.2004.

CHOPPIN, A. O Historiador e o livro escolar. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11): 5-24, Abr. 2002.

COAN, M. A Sociologia no Ensino Médio, o material didático e a categoria trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFSC, Florianópolis (SC), 2006.

- COLÉGIO ESTADUAL OLGA BENÁRIO PRESTES. Projeto Político Pedagógico. Rio de Janeiro, RJ. 2017.
- CORRÊA, Rosa Lygia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Cadernos Cedes, ano XX, n 11 o 52, novembro/2000.
- COTRIN, Carlini B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. Rev. Saúde Pública. 1996.
- DESTERRO, F. B. Desigualdades sociais em *Tempos Modernos, tempos de Sociologia* e em *Sociologia para o Ensino Médio*: uma discussão teórica e conceitual. In: HANDFAS, A. & MAÇAIRA, J. P. (org.). *Dilemas e perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. P.275-305.
- DESTERRO, Fábio Braga do. Sobre livros didáticos de sociologia para o ensino médio. Rio de Janeiro, 2016. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- ENGERROFF, Ana Martina Baron. Os sentidos de cidadania nos manuais do professor dos livros didáticos de Sociologia. In: Anais do IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. São Leopoldo, RS. 2015.
- ESPÍNDOLA, Danielle Parker Andrade. O uso do livro didático, em sala de aula, por professores de História. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.
- FERNANDES, F. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. In: FERNANDES, F. *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1975, p.105-120
- FONTES, B. A Antropologia na Educação Básica: uma análise dos livros didáticos. In: Anais do IV Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, São Leopoldo (RS), jul.2015.
- FONTES, B. A Antropologia na Educação Básica: uma análise dos livros didáticos. In: Anais do IV Encontro Estadual de Ensino de Sociologia. Disponível em: <http://www.labes.fe.ufrj.br/4ensoc/trabalhos/c0c09f1a4b8b59c5ea6b09b10045ca64.pdf> f Acesso em: 23/05/2016.
- FONSECA, Christiany Regina. O material didático utilizado nas aulas de sociologia no ensino médio em escolas públicas e privadas de Cuiabá/ MT. In: Anais do III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica. jul.2013.
- FLORES, Gil J. La metodología de investigación mediante grupos de discusión. *Enseñanza*, 10-11, 199-214. 1992.
- FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W. F. *O estado da arte do livro didático no Brasil*. Brasília: INEP/REDC, 1987.
- FREITAS, Diessica Shaiene. GAIGUE, Rúbia Machado. e OLIVEIRA, Marília Fernandes Rehermann. Sociologia ou Ciências Sociais para o ensino médio: reflexões acerca da disciplina para a elaboração de um livro didático de qualidade. In: Anais do III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica. jul.2013.
- GALDINO, Marcelo Sales; GOMES, Aracelli. Relação professor e livros didáticos no ensino de sociologia: Quem é o mediado e quem é o mediador? In: Anais do IV

Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. São Leopoldo, RS. 2015.

GATTI JÚNIOR, Décio. Livros didáticos, saberes disciplinares e cultura escolar: primeiras aproximações. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (2); 2950. Set. 1997.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GÓES, Laura Montenegro. Reflexões Acerca do Livro Didático de Sociologia no Ensino Médio: Um Estudo de Caso do Antes e Depois do PNLD de 2012 / Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – UFSC, Florianópolis, SC, 32 p. 2013.

GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e história. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HANDFAS, Anita. Os livros didáticos de Sociologia. Revista Coletiva, n. 13, 2014. Disponível em:
http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=140:oslivrosdidaticos-de-sociologia. Acesso em: 23/05/2016.

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa. O estado da arte da produção científica sobre o ensino de sociologia na educação básica. BIB Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, 2014.

HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P.; FRAGA, A. B (org.). *Conhecimento escolar e ensino de Sociologia: instituições, práticas e percepções*. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. Sociologia da leitura. Trad. de Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010. (Título original: *Sociologie de La Lecture*).

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, p. 3-10, jan/mar 1996.

LEITE, M. S. Recontextualização e transposição didática: introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard. Araraquara: Junqueira e Marin Editores, 2007.

LOPES, M.G.K, KOCH, H.R. FERREIRA I.R.C. BUENO, R.E. MOYSÉS, S.T. Grupos focais: uma estratégia para a pesquisa em saúde. Rev Sul-Bras Odontol. Jun. 7. 2010.

MACHADO, I. J. R.; AMORIM, H. J. D.; BARROS, C. F. R. *Sociologia Hoje*. 1.ed. São Paulo: Ática, 2013.

MACHADO, Celso de Souza. O Ensino de Sociologia na Escola Secundária: Levantamento Preliminar. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.13, n. 1, Jan./Jun. 1987.

MAINARDES, J. e STREMEL, S. A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais curriculares. *Revista Teias*, n.22, p.1-24, maio/ago. 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MEUCCI, S. A institucionalização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNICAMP, Campinas (SP), 2000.

_____. Notas para um balanço crítico da produção recente dos livros didáticos de sociologia no Brasil. In: OLIVEIRA, L. F. (Org.). *Ensino de sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais*. Seropédica, RJ: EdUFRRJ, 2013. P.75-81.

MEKESENAS, Paulo. Contextos do livro didático e comunicação. PERSPECTIVA. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 24 p. 129 -143.

MICELLI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil 1930-1964. Trabalho apresentado na Anpocs. 2015.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 34.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAES, Amaury Cesar de (coord). *Sociologia: ensino médio*. Coleção explorando o ensino. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A importância do conhecimento escolar em propostas curriculares alternativas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45. p. 265-290. jun. 2007.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. Dossiê Manuais Escolares: Múltiplas Facetas de um Objeto Cultural. *Pro-posições*, Campinas, v.23, n 3, set/dez. 2012.

_____. O livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NETO, Manoel Moreira de Sousa; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira e PESSOA, Márcio Kleber Moraes. Ferramenta didática ou guia curricular? Percepção de professores sobre o processo de escolha dos livros didáticos de Sociologia em seis escolas do Ceará. In: *Anais do IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica*. São Leopoldo, RS. 2015.

OLIVEIRA, L. F. e COSTA, R. C. R. *Sociologia para jovens do século XXI*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

OLIVEIRA, O. F. de; JARDIM, A. de P. *O Retorno da Sociologia no Ensino Médio no Rio de Janeiro: uma luta que merece ser pautada!*. Disponível em <http://www.cp2.g12.br> > Acesso em: 09 de Setembro de 2011.

PERUCCHI, L. Saberes sociológicos nas escolas de nível médio sob a ditadura militar: os livros didáticos de OSPB. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis – SC: UFSC, 2009.

PEREIRA, L. H. A escolha do Livro Didático de Sociologia em Porto Alegre. *Saberes e Perspectivas*, Jequié, v.4, n.8, p.133-145, jan./abr.2014.

QUEIROZ, Jorge José Lins. O ensino de sociologia hoje: Práticas docentes e o livro didático. Dissertação do mestrado profissional da Fundação Joaquim Nabuco, FUNDAJ. Recife, 2016.

RODRIGUES, Larissa Zancan. O professor e o uso do livro didático de Biologia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Florianópolis – SC: UFSC, 2015.

ROMANELLI, Otaíza. História da educação brasileira (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1987.

SÁ, Priscila Ribas. FERREIRA, Lúcia Gracia. Livro didático e língua portuguesa: contribuições e implicações em sala de aula nas séries iniciais. Espaço Pedagógico. V. 22, N. 1, Passo Fundo, p. 136-154, Jan/jun. 2015.

SANTOS, Mario Bispo dos. *A sociologia no contexto das reformas do Ensino Médio*. in: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. *Sociologia e ensino em debate*. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 131-180.

SARANDY, F. M. S. A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 2004.

SEGATTO, José e BARIANI, Edison. As ciências sociais no Brasil: trajetória, história e institucionalização. In: Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. v. 7, número 25, 2010.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Currículo Mínimo de Sociologia, 2011

_____. Currículo Mínimo de Sociologia do Estado do Rio de Janeiro, 2012. Em: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=759820>. Acesso em: 17/04/2018.

_____. RESOLUÇÃO SEEDUC Nº 4.866 DE 14 DE FEVEREIRO DE 2013. Publicado no Diário Oficial de 15/02/2013 – Página 09 / 2º Coluna.

_____. Reorientação Curricular – Ciências Humanas, 2005

_____. Proposta curricular: um novo formato - Sociologia, 2010

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Sociedade Brasileira de Sociologia 60 anos / organização da Sociedade Brasileira de Sociologia; Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

TAKAGI, C. T. T. Ensinar sociologia: análise dos recursos didáticos na escola média. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo (SP), 2007.

TEIVE, G. M. G. Caminhos metodológicos para a investigação de livros escolares: contribuição do Centro de Investigación MANES. *Revista Brasileira de Educação*, v.20, n.63, p.827-843, out./dez.2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. Manual do Candidato: 1ª fase Exame de Qualificação. Vestibular Estadual 2018.

VÁRIOS AUTORES. *Sociologia em movimento*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2013.

VOUGT, W. P.; GARDNER; D. C.; HAEFFELE, L. M. When to Use What Research Design. New York: Guilford Publications, 2012. Chapter IV.

XAVIER, R. P.; URIO, E. D. W. (2006). O professor de inglês e o livro didático: que relação é essa? *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v.45, n.1, p.29-54, jan./jun.

YIN, ROBERT K. Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAPPELLINI, Marcelo Beckert e FEUERSCHUTTE, Simone Ghisi. ADMINISTRAÇÃO: ENSINO E PESQUISA RIO DE JANEIRO V. 16 No 2 P. 241–273, abr. mai. jun. 2015.

SITES CONSULTADOS

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação: www.fnde.gov.br

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira: <http://portal.inep.gov.br>

Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes: <http://www.labes.fe.ufrj.br>

Ministério da Educação: <https://www.mec.gov.br/>

Secretária de Estado de Educação: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc>